

Memórias

Ivanhoé Silveira Moura





Ivanhoé Silveira Moura



Formado em Direito na UPF, fiscal do ICM pelo Estado do Rio Grande do Sul, empresário, agricultor e produtor de sementes no estado do RS e Goiás, atua no setor imobiliário em Passo Fundo, Florianópolis e Luzuânia, idealizador da ABEP, uma entidade social voltada ao auxílio de jovens para o aprendizado de um ofício.



Ivanhoé Silveira Moura

Memórias



Passo Fundo
2019

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

1ª Edição, Outubro 2019

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para

Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado em: 18/10/2019

Revisado por Tereza Vitale

M929m Moura, Ivanhoé Silveira
Memórias [recurso eletrônico] / Ivanhoé Silveira Moura.
– Passo Fundo: Acervus, 2019.
4.9 Mb ; PDF.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-81266-03-5

1. Literatura brasileira - Rio Grande do Sul. 2. Crônicas brasileiras - Rio Grande do Sul. 3. Memórias. I. Título.

CDU: 869.0(816.5)-94

Bibliotecária responsável Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

A Vida

Depois de muitas quedas, eu descobri que, às vezes, quando tudo dá errado, acontecem coisas maravilhosas que jamais teriam acontecido se tudo tivesse dado certo. Eu percebi que quando me amei de verdade pude compreender que, em qualquer circunstância, eu estava no lugar certo, na hora certa.

Então, pude relaxar... pude perceber que o sofrimento emocional é um sinal de que estou indo contra a minha verdade. Parei de desejar que a minha vida fosse diferente e comecei a ver que tudo o que aconteceu contribuiu para o meu crescimento.

Desisti de querer ter sempre razão e, com isso, errei menos vezes. Desisti de ficar revivendo o passado e de me preocupar com o futuro. Isso me mantém no presente, que é onde a vida acontece.

Descobri que na vida a gente tem mais é que se jogar, porque os tombos são inevitáveis. Percebi que a minha mente pode me atormentar e me decepcionar, mas quando eu a coloco a serviço do meu coração, ela se torna uma grande e valiosa aliada.

Também percebi que sem amor, sem carinho e sem verdadeiros amigos, a vida é vazia e se torna amarga.

Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver, apesar dos desafios, incompreensões e períodos de crise. É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida. Pedras no caminho? Guardo todas, um dia vou construir o meu castelo...

Mário Quintana



A família Moura, gostaria de agradecer a nossa amiga Elaine Badzinski, todo o carinho, o empenho e a dedicação para a concretização deste sonho, a história do nosso herói, agora compiladas no livro "Memórias de Ivanhoé Silveira Moura".



Sumário

<i>Abertura</i>	9
<i>Prefácio</i>	11
<i>Apresentação</i>	13
<i>A vida se apresenta</i>	17
<i>Saída precoce</i>	21
<i>Assumindo a família</i>	25
<i>Subindo degraus</i>	27
<i>O Brasil ficou “pequeno”</i>	33
<i>Uma parceira de vida</i>	35
<i>Uma vivência inusitada</i>	39
<i>e incompatível</i>	39
<i>A construção do ninho</i>	41
<i>A escolha definitiva</i>	47
<i>pela agricultura</i>	47
<i>Empreendedor nato</i>	51

<i>Momento de repassar</i>	<i>53</i>
<i>Sempre atento.....</i>	<i>55</i>
<i>Laços fraternos</i>	<i>57</i>
<i>Viagens além de turismo.....</i>	<i>59</i>
<i>A vida hoje</i>	<i>69</i>
<i>Agradecendo a Deus</i>	<i>71</i>
<i>Os descendentes dos</i>	<i>75</i>
<i>meus descendentes</i>	<i>75</i>
<i>Receita conjugal</i>	<i>87</i>
<i>Amigos seguros.....</i>	<i>91</i>
<i>Vida ativa.....</i>	<i>97</i>
<i>Meu maior legado</i>	<i>99</i>
<i>Depoimentos.....</i>	<i>103</i>



Abertura

Marido, pai e avô! Meu querido companheiro de tantos anos, homem exemplar que admiro muito pela pessoa que é. Exemplo de vida, de luta e de valores que passou para mim e, por extensão, aos nossos filhos, também.

É meu herói e porto seguro! Sempre foi, e sempre será, o meu amigo certo das horas incertas! Que Deus te abençoe com muita saúde, paz e alegria!

Amo-te e serei, eternamente, grata por tudo que me ensinaste e proporcionaste!

Rovena, esposa





Prefácio



Fiscal e vereador em Marau, nos anos 60 e 70, Ivanhoé Silveira Moura tornou-se um dos maiores fazendeiros do Brasil. Por seu pioneirismo na agropecuária e na sua forma visionária de empreender, enquanto construía empresas de sucesso, que até hoje geram emprego e renda, contribuía para a sociedade, investindo em projetos sociais. Em todas as suas atividades, sempre reconheceu o valor das pessoas, oferecendo a cada uma delas o seu melhor. Porém, segundo ele, seu maior patrimônio, sem dúvida alguma, é sua família.

Em sua trajetória de vida, começou como contador na Cia. Moinhos Rio-Grandense, passando pelo funcionalismo público (IAPI), pela vereança em Marau-RS e, ainda, sendo fiscal de tributos estaduais do Rio Grande do Sul, encontrando na agricultura seu verdadeiro espírito empreendedor. Exerceu essa atividade em Marau, Passo Fundo e Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul; além de Luziânia, Silvania e Cristalina, em Goiás, onde iniciou o



ramo de produção de sementes. Fundou e presidiu a Associação de Produtores de Sementes do Rio Grande do Sul e do Distrito Federal. A Universidade de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, também é fruto de sua iniciativa e boa vontade em fazer acontecer.

Mais tarde, partiu para o ramo da construção civil em Mato Grosso, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Surgia aí o empreendedor imobiliário, sempre pautando sua conduta na simplicidade, humildade e humanidade no tratamento com seus sócios e colaboradores.

Priorizando, sobretudo, essa visão humanitária, chegou a criar a ABEP, uma entidade social voltada a auxiliar os mais necessitados, para que, por meio do aprendizado de um ofício, adquirissem uma valorização maior em relação a si mesmos, e, assim, tivessem acesso mais fácil à inserção social.

Valorizar e ajudar o próximo, tendo como base, sempre, a sustentação de sua família, são os grandes pilares da vida deste homem com quem tenho o privilégio de conviver e aprender há muitos e muitos anos.

César Silveira Coelho





Apresentação



Pai, são as recordações que alimentam a alma e, com muito carinho, quero dividi-las contigo! Você sempre foi, e sempre será, meu herói. Sei que, como qualquer outro ser humano, você tem seus defeitos, mas, o que mais importa para mim é sentir todas tuas manifestações de carinho.

Já que tenho uma filha quase psicóloga, vou mostrar que entendo um pouco de Psicologia (risos). Freud explica que, principalmente as filhas mulheres, querem que o pai “morra de orgulho” delas, e você está sempre me colocando para cima, me elogiando como pessoa, filha, mãe...

Lembro-me, com saudades, da minha infância, quando brincávamos todos juntos. Você adorava fazer “durinho”, me colocando em pé na palma da tua mão para que eu me equilibrasse. E os banhos de espuma na banheira, você, o mano e eu? Os passeios de esqui na praia, apoiada em teus joelhos, e tantos outros momentos guardados no lado esquerdo do peito.



Até quando você saía para pegar o ônibus para Dom Pedrito, sempre viajando muito, acabava virando brincadeira: o mano e eu nos agarrávamos, cada um em uma das tuas pernas, e íamos até a porta “arrastados” por você.

Você sempre me chamou de pitoca, e eu adoro! Cresci te ouvindo dizer que seria, em qualquer momento da minha vida, o amigo certo das horas incertas, e você não imagina quanta segurança sinto por ter essa certeza no meu coração!

Um fato que me marcou muito foi no meu aniversário de sete anos. A mãe organizou uma festa linda! Ela encomendou docinhos e suquinhos de Guaporé. Os brigadeiros tinham carinhas com olhos, boca e lacinhos. Os sucos eram coloridos, em embalagens plásticas transparentes e com canudinhos. Ganhei um toca disco e quem me deu meu primeiro disco? Você, mas nessa mesma noite você precisou viajar.

Quando todos foram embora da festa, fui escutar o disco e a primeira música era Only You. Aí fiquei bem triste, me sentindo culpada por pensar que não havia te dado atenção, nem me despedido “direito”, pois eu estava bastante ocupada com meus amigos. Até hoje me emociono quando ouço essa música, pois, apesar de nunca ter observado toda tradução, o título dela fala tudo: você é o único para mim!

Lembra aquela viagem que fizemos para Dom Pedrito? Era uma estrada de chão e fazia muito calor. Eu estava no banco de trás do carro e o mano estava na frente, deitado no teu colo e no da mãe. Lá pelas tantas, senti vontade de beijar o mano e, então, beijei o meu dedo e fui encostar no rosto dele, mas acabei colocando o dedo no olho dele. Ele chorou, claro! Fui tentar te explicar o que havia acontecido, mas, para meu azar, meu dedo acabou entrando, mais uma vez, no olho dele. Não deu outra: você virou e o tapa veio! (risos) Foi o único que recebi.



Sinto sempre tua presença, apesar de tuas viagens constantes. No dia do meu aniversário, esteja você onde estiver, nunca deixa de ligar e cantar o parabéns gauchesco. Mas, independente de ser meu aniversário, você liga para saber de mim, da Rafa, da Beta... Faz versinhos que me divertem: “Pitoca do meu coração, você é meu amorzão! Pitoca do meu coração, quero te dar um beijão!”.

No dia do meu casamento, você me disse: “Pitoca, quero que saibas que as portas da nossa casa estarão sempre abertas para você! Nunca esqueça de que sou o amigo certo das horas incertas”. Foi tudo que eu precisava ouvir!

É com você que compartilho as principais decisões da minha vida, quer sejam profissionais ou pessoais. Sei de toda tua experiência e sabedoria para me aconselhar e do teu apoio incondicional, constante.

Levo o teu modelo de humildade como um ensinamento para minha vida. Nunca te vi ser arrogante com alguém ou levantar a voz com um funcionário. Teu lema é que não devemos fazer distinção entre as pessoas, não importando se é um ministro ou um gari. Isso exige modéstia e simplicidade, o que você tem de sobra!

Apesar de ter conquistado uma situação muito boa, você nunca sentiu necessidade de ostentar. Todas as viagens maravilhosas que nos proporciona, têm, no fundo, o objetivo maior de manter a família unida, longe de qualquer intenção exibicionista.

O meu sentimento maior é de imensa gratidão! Agradecer pelo tanto que você trabalhou nos sábados, domingos, feriados, sem hora para começar ou terminar. Se hoje temos muito conforto e segurança financeira e emocional é porque você não mediu esforços para construir todo nosso patrimônio.



Você, realmente, plantou muitas sementes que estão germinando e que continuarão a germinar nas gerações futuras! Amo você ao infinito, meu eterno amigo certo das horas incertas! Que Deus te abençoe, hoje e sempre!

Cláudia, filha.



Capítulo I



A vida se apresenta



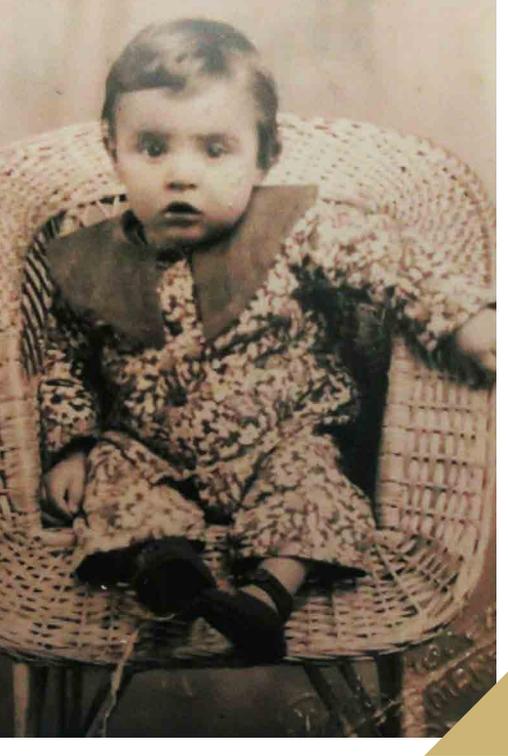
Nasci no dia 14 de julho de 1937, na costa do rio Jacuí, divisa de Passo Fundo com Marau, no Rio Grande do Sul. Caía uma geada fantástica! Meu pai foi a cavalo buscar a parteira e, à medida que avançava no caminho, o cavalo ia quebrando o gelo e, por isso, já nasci “pelo duro”. Vim temperado pelo inverno.

Eu sou o filho mais velho. Tenho três irmãs: Núbia, Marisa e Iara, a caçula; além de uma irmã do coração, a Sônia.

Morávamos em uma terra que pertencia ao meu avô materno. Meu pai prestava serviços a ele, atendendo à criação de gado. Naquela época, não existia plantio.

Até os meus seis anos, mais ou menos, morei nessa fazenda. Eu gostava de mexer com o gado, com as ovelhas e de andar a cavalo, inclusive levei vários tombos. Eu era tão pequeno que





Assim, um dia, todos nós já fomos.

não conseguia montar no cavalo (risos). Não tinha altura. Precisava subir nos formigueiros para alcançar.

Também gostava muito de ir ao rio Jacuí tomar banho. Outra coisa que gostava de fazer era, de manhã cedo, tomar chimarrão no galpão com dois empregados que o meu avô tinha. Logo comecei a tirar leite das vacas, piazzino puxava o teto da vaca (risos). Ajudava na mangueira a separar o gado, vacinar. Fazia minhas bobagens, claro, como pegar os ovos para comer,

quando as galinhas saíam, e aí sempre levava um puxão de orelha (risos). Foi nesse ambiente que me criei.

Praticamente eu não tinha amigos porque os vizinhos mais próximos ficavam a uns oito quilômetros.

Minha mãe, Ruth, era uma pessoa de temperamento tranquilo e que aceitava o sistema de vida que levavam, com naturalidade. Não vivia se queixando. Era muito bacana, carinhosa, simples. Meu pai, Fortunato, também era uma pessoa muito boa, tratava a gente muito bem, mas não tinha muito estudo e, embora tivesse visão de mundo dos negócios, não a colocava em prática.

Ele foi da Brigada Militar e lutou na Revolução de 30 com muito brio, sendo reconhecido por muitos passo-fundenses como uma das pessoas mais corajosas! Também aprendeu o ofício da enfermagem.



Nossa casa era modesta, mas boa. Tinha bons quartos, uma cozinha bem instalada. Nos alimentávamos bem. Gostava muito de arroz com galinha, de um mingau e de um arroz doce que a minha mãe fazia. Eram meus pratos preferidos. Sobremesa não tinha todo dia, não. Era mais no final de semana. Às vezes, tinha fruta; o meu avô tinha uma pequena plantação de árvores frutíferas e nós nos servíamos lá.

Eu me sentia muito bem na fazenda. Eram 24 quilômetros até chegar aqui em Passo Fundo. A gente vinha de aranha de lá para cá. Aranha é um tipo de carruagem que só tem duas rodas e é puxada por um cavalo. O trajeto demorava, mais ou menos, três horas e meia. O cavalo vinha a trote, devagarinho. O meio de transporte era a aranha ou a cavalo, mas o pessoal não me deixava andar a cavalo porque eu era muito pequeno. Meu avô não tinha carro e não existia ônibus, não tinha nada. Vínhamos a cada sessenta dias, mais ou menos, a não ser o meu avô que, às vezes, vinha mais seguidamente, por necessidade.



Com minha mãe, Ruth.





Ivanhoé, Eneida, tio Assis, tia Maria, Assizinho, Juarez.



Com meu pai, Fortunato, e família Moura, em sua festa de 70 anos.

Capítulo II



Saída precoce



Os meus avós maternos, vovô Cidoca (Alcides) e vovó Lilita (Estelita), compraram uma casa na Rua Moro e ali se estabeleceram. Ao lado, tinha uma casa de madeira, onde morava tia Maria, irmã da minha mãe. Passei a morar com ela e o marido, tio Assis, porque já era época de eu ir estudar. Meus pais continuaram na fazenda. Essa tia era professora lá na Vila Rodrigues e, por isso, comecei a estudar nessa escola. Eu estava com sete anos.

Não posso deixar de mencionar duas pessoas: a Marcília e a Emília. A Marcília morava na casa desses meus avós e ajudava nos afazeres domésticos, e, mais tarde, quando meus pais vieram morar aqui em Passo Fundo, a irmã da Marcília, Emília, passou a morar com eles, também ajudando no serviço de casa. Eu costumava chamar a Emília de “madrinha Emília”. As duas permaneceram na família até o dia em que meus pais vieram a faltar, mas o carinho deixado por elas marcou a todos nós.



Tive a iniciativa, desde jovem, graças a Deus, de inventar coisas para fazer. Comecei por recolher garrafas vazias. Isso com oito anos! A casa onde tia Maria morava tinha um porão. Eu ganhava as garrafas, porque aquilo era um entulho. Eu as recolhia com carrinho de mão. Saía batendo nas casas e pedindo e sempre ouvindo a mesma resposta: Pode levar esse entulho aí! Era uma coisa que ninguém queria, não valia nada. Eu as lavava e ia estocando no porão.

Comentei com um amiguinho sobre essa minha iniciativa. Ele era sobrinho dos Ughini, donos de uma fábrica de vinho em Nova Prata, e me falou que o pessoal de lá comprava garrafas. Me levou até os tios e, a partir daí, passei a vender as garrafas para eles. Um piá! Com oito, nove anos, comecei a ganhar meus trocos.

Quando tinha umas cem, eles vinham buscar. Pagavam um preço bem baixo, mas eu já ganhava os meus pilas.

Fiquei com essa tia vários anos. O seu marido, Assis Machado, trabalhava no Banco Rio Grande do Sul. Me ajudaram muito, me fizeram muito bem. Tiveram, mais tarde, três filhos; primos, com quem tenho, até hoje, uma boa relação.

Durante o tempo em que morei com eles, meu tio foi transferido para Santo Ângelo e, por uns dois ou três anos, lá residi. Não sei se meu pai não tinha condições ou se ainda estava na fazenda, não tenho certeza. Fiquei com eles, até fazer vestibular para a Faculdade de Direito.

No fim, comecei a ganhar bem nesse negócio das garrafas. Às vezes, eu pagava alguma coisa por elas e, às vezes, eu não pagava nada. Essas garrafas me ajudaram muito. Naquela época, pouca coisa fazia bastante diferença. Cheguei a ter 200 garrafas empilhadas.



Fui me virando. Tinha um tio que era contador do Sindicato Rural de Passo Fundo e, então, passei a ser cobrador do sindicato. Eu usava, para trabalhar, uma bicicleta que havia comprado com o lucro da venda das garrafas. Isso com 12 anos! Eu não era empregado, eu ganhava uma comissão.



Com meu pai, Fortunato; minhas madrinhas, Emília e Marcília; e minha irmã, Iara.





Capítulo III



Assumindo a família



Meus pais vieram para cá e fomos morar em uma casa que eu aluguei. Eu estava com 17, 18 anos. O sustento da casa era comigo. Aliás, sempre fui presente na manutenção da casa dos meus pais; eu os sustentei até a morte deles.

Meu pai era uma pessoa boa, mas não era comerciante, não tinha essa visão. Meu avô, indiretamente, dava alguma coisa para minha mãe. Ele tinha posses, deixou uma herança para ela. A família da minha mãe tinha muito mais recursos do que a do meu pai.

Marisa, minha irmã, ficou com meus avós desde que nasceu. Então, de filhos em casa, havia a Iara, a Núbia, eu e a Sônia, nossa prima, uma irmã do coração, que passou a morar conosco desde os seus nove meses de idade, quando sua mãe morreu. Seu pai era irmão da minha mãe. Ficou conosco até se casar.



Comecei a inventar outras coisas. Fui um dos primeiros a trabalhar com consórcio de automóveis. Passei a ganhar uma comissão boa e juntei uns trocos para tirar carro e vender. Eu ia atrás e ficava bisbilhotando: se tinha uma bicicleta barata, comprava para vender. Depois passei para uma lambreta, depois para um carro usado que revendia... Este espírito de comerciante me deu receita e renda.

Meu primeiro emprego de carteira assinada foi no Moinho Rio-Grandense. Também fui funcionário de duas grandes empresas de Passo Fundo: a Gaúcha Madeireira e, depois, a Ernesto Morsch S.A. Em todos esses lugares, trabalhei como auxiliar de escritório, na função de técnico de contabilidade, curso que estava fazendo.



Capítulo IV



Subindo degraus



Fui fazer concurso público para tesoureiro do IAPI, Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários, e passei no primeiro ou segundo lugar. Quatro meses depois, já assumi meu emprego. Eu estava com 18 anos. Tive um aumento de salário absurdo, porque eu entrei como tesoureiro, e, com isso, tive um fôlego tremendo de dinheiro. O presidente da República, na época, era o Juscelino Kubitschek e o valor destinado aos tesoureiros era elevado porque, caso faltasse dinheiro, nós tínhamos que repor. Essa remuneração alta aconteceu em nível nacional. Eu não esperava!

Peguei fácil o jeito do trabalho, pois era simples: recebíamos as contribuições do INSS e, depois, pagávamos o salário dos aposentados ou dos que estavam em licença médica.

Sempre tive facilidade em aprender, tanto que, ainda enquanto estava como tesoureiro do IAPI, fiz concurso para fiscal



do imposto de vendas e consignações do Rio Grande do Sul (hoje chama-se imposto de circulação de mercadorias, ICMS). Também passei. Isso uns dois anos depois que entrei no IAPI. Assumi com 21 anos, idade mínima necessária para ocupar o cargo. Aí, o salário explodiu! Pois o do fiscal era multiplicado sobre a arrecadação do Estado, segundo a legislação estadual. A arrecadação aumentava todos os meses e, proporcionalmente, cada mês eu tinha um aumento no meu salário. Aí comecei a inventar moda.

Inicialmente pus em prática meus planos de compra e venda de automóveis, com um subgerente do Banco do Brasil e outro do Banco da Província, que existia na época. Criamos um fundo, buscávamos os interessados e fazíamos sorteio para vender automóveis. Quem dava o lance maior, levava o carro! Nós três, os administradores, tínhamos uma comissão. Eu participava administrando e, como vi que era bom, comecei a participar dos planos fora. Eu ia para Nova Prata, Carazinho, Erechim... para tirar carros e, depois, os vendia. Dava para pagar a prestação e ainda sobrava dinheiro. Foi dessa maneira que me capitalizei com os planos de automóveis. Passou a ser uma renda extra, pois era uma atividade que não comprometia o meu trabalho como fiscal em Marau.

Aproveitava outras oportunidades: comprava um terreno barato e revendia... Fiz muitos negócios com imóveis. Também descobri outro nicho bom de mercado: plantar, ser agricultor. Descobri um pedaço de terra e arrendei tornando-me um pequeno produtor em Marau. Por eu ser fiscal, era bem conceituado na região, o que me ajudou a fundar a APASSUL (Associação dos Produtores e Comerciantes de Sementes e Mudanças do Rio Grande do Sul), um órgão de produtores de sementes, como o nome diz. Conversando aqui e ali, aprendi a ganhar dinheiro com plantar e fazer semente. Essa entidade ainda funciona e é muito bacana.



Eu plantava cinquenta hectares e colhia, vamos dizer, mil sacos. O preço do comércio era 100 e eu vendia a semente por 130, só tinha que beneficiá-la. Quando colhia, levava as sementes para casa e a Rovená media a umidade com um aparelhinho específico para isso.

A partir daí, eu ampliei e comecei a pegar cooperantes, produtores rurais que plantavam próximo e que entregavam sua produção para mim. Eu pagava uma bonificação para eles. Gagnei dinheiro com semente... Cheguei, inclusive, a ser presidente da APASSUL aqui em Passo Fundo.

Passei a me expandir, buscando e vendendo semente no Paraná. Saía do trabalho de fiscal, na sexta à tarde, alugava um táxi aéreo e ia em direção a Pato Branco, Cascavel... Passava vendendo sementes no sábado e no domingo, e à tardinha deste dia voltava para cá para trabalhar na fiscalização na segunda-feira. O negócio com semente me deu muita renda.

Tive um susto muito grande em um final de semana, no Paraná. Estávamos indo, de avião, para Pato Branco e decidimos ir à tardinha para Cascavel. Chegamos à noite e tinham mudado o campo de aviação. Nós não achávamos um lugar para pousar. Eles tinham colocado umas latas de querosene em outro espaço e o piloto se apavorou. Eu tive que acalmá-lo (risos). Apesar do susto, a aterrissagem foi tranquila.

Outra vez, também estava em um táxi aéreo, um monomotor, no Mato Grosso. Lá pelas tantas, o piloto viu que havia acabado a gasolina. Imprudência total do cara, né? Não morremos por acaso, foi muita sorte estarmos em uma região plana. Conseguimos um campo para pousar. O avião se esculhambou todo. E esse avião ainda era de um amigo que havia me emprestado para fazer a viagem! Hoje ele é vice-governador do Mato Grosso. Pela quantidade de voos que eu fiz... bah!



Assim foi indo e eu vivendo como privilegiado que sou! Passávamos as férias no Rio de Janeiro. Em uma dessas viagens, fomos em dois carros: um amigo com a esposa em um, e a Rovena e eu em outro. Naquela época a sede nacional do Banco do Brasil era lá. Então, pedi para esse amigo, que era funcionário do BB, para darmos uma chegada lá e vermos se, por acaso, não tinha alguma terra de barbada executada. Ele me levou à agência e descobrimos uma terra que ficava junto a Brasília de propriedade de um judeu-russo, chamado Fallgold, nunca esqueci. Por casualidade, ele morava no Rio e era devedor do banco. Fui conversar com ele e decidi ir olhar a terra. Fui de ônibus, para economizar, do Rio para Brasília. A Rovena e os amigos ficaram no Rio.

A área que encontrei era toda de cerrado, mas eu achei a localização interessante. Estava hipotecada. Consegui assumir a dívida porque eu já era financiado aqui em Passo Fundo com uma terra que eu plantava em Marau. Além disso, eu tinha um conceito de bom pagador e uma posição pública muito boa. Comprei essa área. Era muito boa! Inventei, então, de tentar plantar soja no Centro-Oeste e tornei-me agricultor pioneiro daquele produto naquela região do Brasil! Começamos a derrubar o cerrado para plantar, pouca coisa no início, no município de Luziânia, bem próximo a Brasília.

Mais tarde, apareceu outra oportunidade. Comprei outra área, agora no município de Silvânia, mais próximo de Goiânia. Lá também comecei a plantar. São 70 km entre Silvânia e Goiânia e nos finais de semana paravam uns dez, 15 carros no asfalto, para ver o que aquele louco estava fazendo lá, porque eles não conheciam aquele tipo de plantação. Não se ouvia falar, naquela época, em soja. Derrubar cerrado para plantar??? Nunca tinham visto aquilo e, realmente, em todo o estado de Goiás, eu fui o



pioneiro a mexer com terra. Depois me expandi nesta área da agricultura, onde, graças a Deus, fui muito bem, e hoje cada filho meu tem uma lavoura. O Velhinho me ajudou muito, mas tive que ir atrás, que buscar!



Nosso casamento, em 15/07/1963.





Um dos nossos carnavais.



Capítulo V



O Brasil ficou “pequeno”



O meu pai dizia que o Brasil era pequeno para mim. Ele era uma pessoa muito humilde, muito discreta, e eu, graças a Deus, sempre fui uma pessoa de enxergar mais longe. Cheguei até a pensar em me fixar no exterior.

Em determinado momento, viajei com uma pessoa do exterior, não lembro se era do Uruguai ou da Espanha, que comentou comigo por acaso: “O Brasil só tem essas cabinezinhas telefônicas dessa maneira aí. Por que será?” Nessa época as cabines aqui eram de metal ou de madeira. Simples, frágeis.

Logo surgiu uma oportunidade de eu ir verificar o sistema de cabines da qual ele falou. Aqui nós não tínhamos ainda cabines de cimento. Foi então que comecei a produzi-las. Vendia as cabines com espaço para se colocar publicidade. Ou vendia as cabines e alugava o espaço para colocar publicidade. Consegui licença do setor que cuidava da telefonia, em Recife e em ou-



tros locais. Aluguei um galpãozinho e levei gente daqui de Passo Fundo para fazer as nossas cabines lá em Recife. Fiz um bom dinheiro com esse negócio.

Deus me deu muitas oportunidades de inventar coisas. Coloquei cabines até em Foz do Iguaçu. Depois teve gente que começou a comprar de mim: eu fazia por 500 e vendia por 1.000.

Cheguei a dar duas entrevistas, uma em Recife e outra em Assunção, no Paraguai. Essas entrevistas tiveram uma boa repercussão porque era novidade. Não existia isso. Eu estava oferecendo um material novo. O sistema de telefonia era estatal, daí não ter essas facilidades. A gente comprava, instalava e passava para eles uma parte da taxa mensal.

Acredito que trabalhei por uns cinco anos com essas cabines e, depois, acabei vendendo.



Capítulo VI



Uma parceira de vida



Forrei-me em Direito, com 22 anos de idade, e, com 26 anos, casei-me com a Rovená.

Foi uma casualidade muito grande o modo como nos conhecemos. Eu tinha o hábito de ir, aos domingos, para o Capinguí (Clube Náutico de Passo Fundo). Em um desses dias, eu estava caminhando por lá e, de repente, vi aquela garota bonita deitada. Eu dei uma parada para ver quem era! “Eu dei uma freada”, como diz o outro (risos). Dei uma olhada, voltei e larguei uma piada.

Demorou meses para nos aproximarmos, mas, quando isso aconteceu, começamos a namorar. Ela residia na Avenida Brasil, onde seu pai tinha um armazém. Eu costumava ir visitá-la, mas também íamos ao cinema, ao clube para dançar, ao Capinguí... Nessa época, eu já estava mais ou menos bem de finanças, já tinha meu carro...



A Rovena era estudante, fazia o magistério no Notre Dame, e eu trabalhava como fiscal estadual. Namoramos três anos, até que fui falar com seus pais, pedindo o consentimento para que ela noivasse comigo. Se desse certo o noivado, o casamento aconteceria naturalmente. Tive sorte que o meu pedido teve boa receptividade. Eu já tinha um bom emprego, não é verdade? Então, um ano depois nos casamos, no religioso, às 11 horas da manhã do dia 15 de julho de 1963 e, após, fizemos uma festinha modesta na casa dos pais da Rovena.

Nessa época, eu já tinha um ou dois apartamentos no Edifício Morandi, na Rua Morom esquina com Rua Benjamin Constant. Resolvi vender esses imóveis para pagar a lua-de-mel. Foi uma viagem que a gente não esquece! Ficamos três meses entre Europa, Estados Unidos e América do Sul. Queríamos ir para Orlando, mas, como estávamos cansados, decidimos “voltar parando”. Quando noivamos, já tratei de começar a pagar as despesas com passagens e hotel. Tivemos uma aproximação muito sadia, muito bacana. Essa viagem me fez muito bem!

Casei e já tratei de alugar um apartamento, onde ficamos por três anos. Nosso início de vida conjugal foi bem interessante porque eu ia trabalhar, como fiscal, em Marau, e a Rovena ia para o colégio. Nós nos víamos no fim da tarde, quando eu chegava de Marau, e, de manhã cedo, para lá eu voltava. A vida era assim. Ficava aqui nos finais de semana com a família e depois, quando eu comecei a plantar, aos sábados eu ia, na companhia da família, para a lavoura do Barroso, em Marau.

Como também atendia a fiscalização de Casca, passei a prolongar minha permanência em Marau, e, por isso, decidi levar minha família para residir lá. A Rovena fazia o vai e vem, pois estava cursando faculdade aqui.

Apesar desse pouco tempo que tínhamos, ela sempre teve



boa compreensão, porque sabia que eu estava fazendo para o nosso bem. Sempre fomos bem racionais.

Quando ela terminou a faculdade, passou a lecionar em São Domingos, duas ou três vezes por semana, na época um distrito de Casca. Ela sempre me apoiou e eu, da mesma forma, sempre procurei apoiá-la também.





Capítulo VII



Uma vivência inusitada e incompatível



Também inventei moda em me candidatar para vereador em Marau. Fui o mais votado do mandato 73-76. Porém, fiquei pouco tempo na vereança porque não aceitei a forma operacional da política. Permaneci durante seis meses e me afastei. Foi um mandato muito curto, pois eu não sintonizava com o ambiente.

Eu imaginava, mais ou menos, como as coisas seriam, mas não ao nível do que eu vi que, na realidade, acontecem. Não consegui me adaptar àquilo. Então, continuei na minha função pública, passando a atender também Casca, Guaporé, Nova Prata... e na minha atividade de agricultor, transformando-me em produtor de semente.





Capítulo VIII



A construção do ninho



Sou muito feliz e muito grato a Deus pelos filhos que Ele nos deu. São três excelentes pessoas. Somos pais muito felizes!

Quando nossa primogênita nasceu, a Cláudia, eu ainda estava na fiscalização. A gestação, de um modo geral, correu tudo bem. Era um bebê lindo! Nesse período, a vó Ernestina, mãe da Rovená, deu uma ajuda muito grande, pois esta estava terminando a faculdade e, em seguida, foi para pós-graduação.

Dois anos depois, veio o Fábio. Foi uma satisfação, porque aí tínhamos uma menina e um menino. Também foi tudo bem. A vida era bem movimentada, pois, além de me dividir entre Passo Fundo e Marau, tínhamos dois filhos. Termos nossos pais aqui foi uma mão e tanto. A Rovená também sempre foi muito dinâmica, de ir atrás das coisas.

Decidimos desempatar (risos) e nasceu a Luisa. Nunca tive



preferência por ter filho ou filha, porque acho que temos que aceitar o que Deus manda para agente. E, honestamente, valorizo muito mais a mulher do que o homem, pois, se não existisse a mulher, eu não estaria aqui.

Eu considero nossos filhos honestos, pessoas de bom coração e com iniciativa. Eles têm um carinho especial por nós. Somos pais privilegiados pelos filhos que temos! Esta é a verdade!

O Fábio e eu temos um ótimo relacionamento, nos entrosamos muito bem. Ele está nessa atividade exclusiva da agricultura em Brasília, muito bem instalado e, graças a Deus, com um futuro seguro. Acabou criando as bases lá. Hoje, eu tenho dois filhos em Brasília, o Fábio e a Luísa. Apenas a Cláudia está aqui, mas continua ligada, profissionalmente, à capital da República. Quando o Fábio foi para lá, vinculou-se, integralmente, à lavoura. Ele sempre se envolveu nesse circuito de olhar campo, armazém, ver classificação, ver se aprovou...

Luisa, como eu, é a mais aventureira, entre os filhos. Tem paciência e vontade para isso. Ela também planta, mas tem negócios paralelos, como uma empresa de aluguel de equipamentos para construção civil.

Cada um cuida do seu para evitar divergências. Cada um com sua forma de agir, e, aí, vão colher os frutos, conforme agirem.

Quando podemos, sempre nos reunimos. Lá em Brasília, por exemplo, quando estou por lá, o Fábio, a Luísa e eu estamos sempre trocando ideias. Quando chego em casa, a aproximação natural é aqui. Quando tem aniversário de um, de outro, todo mundo vai, a não ser que aconteça algum contratempo. A Rovenna e eu somos muito felizes por termos filhos e netos com esse pensamento e prática de aproximação.

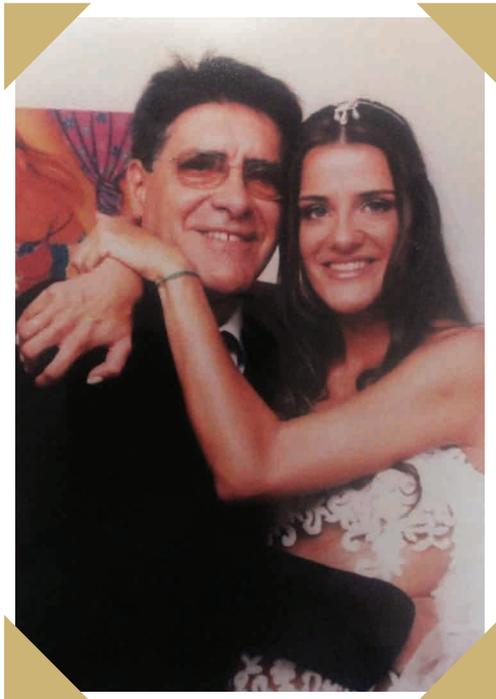




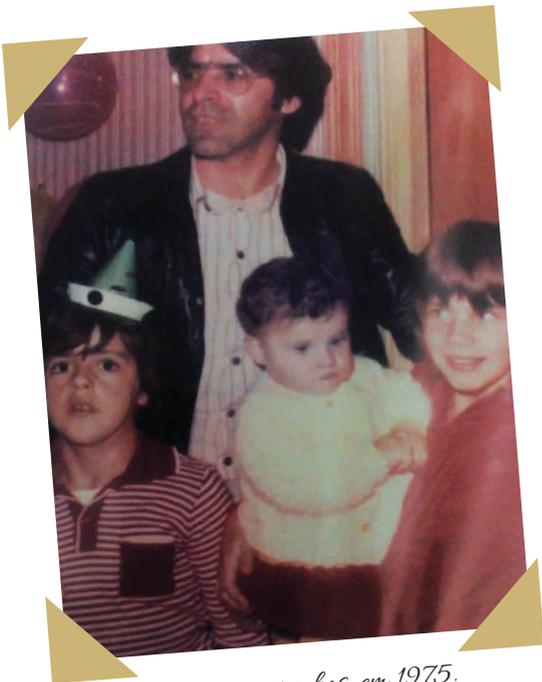
*Casamento do filho Fábio, em
setembro de 1999.*



*Formatura da filha
Cláudia em Direito,
dezembro de 1988.*

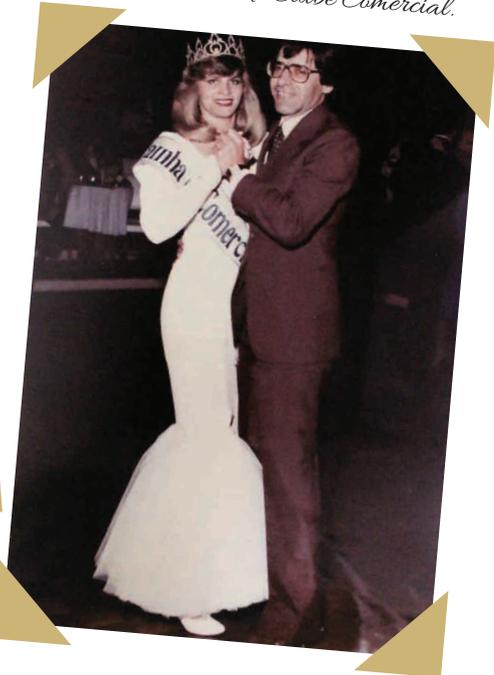


*Casamento da filha
Luísa, fevereiro de
2002.*

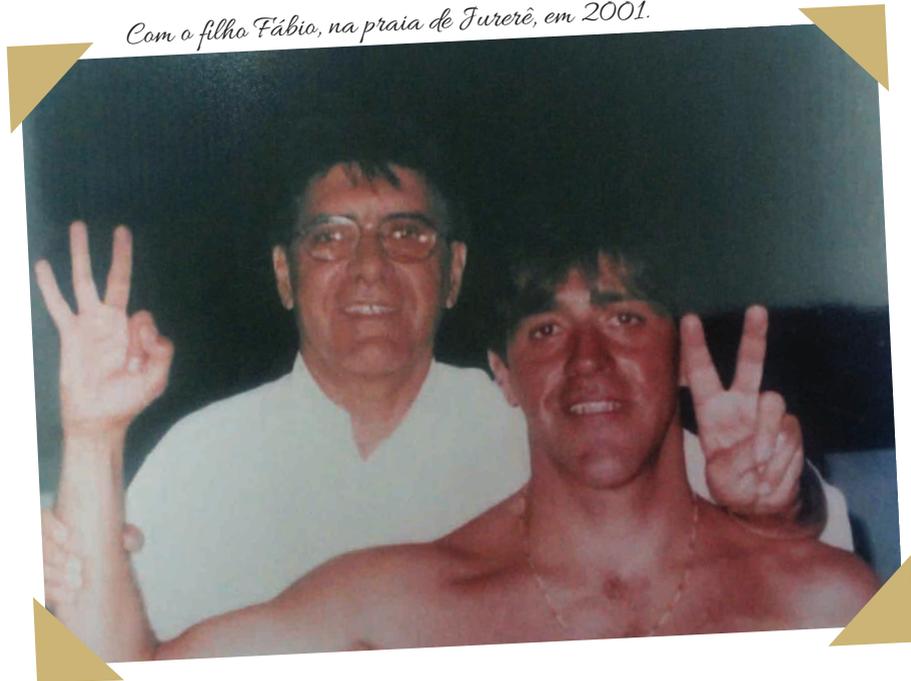


Nossos picorruchos, em 1975.

Coroação da filha Cláudia, como Rainha do Clube Comercial.



Com o filho Fábio, na praia de Jurerê, em 2001.



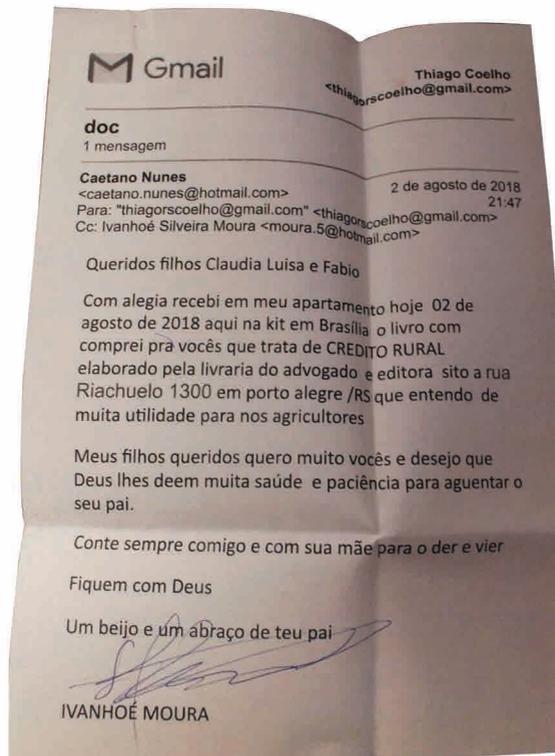


Com nossa filha Luísa, dezembro de 2014.



Com nossa filha Fábio, dezembro de 2014.

Com a filha Cláudia, dezembro de 2017.



Capítulo IX



A escolha definitiva pela agricultura



Não tenho muita certeza, mas acho que eu fiquei uns vinte anos na função pública. Aí, como expandi minhas atividades profissionais, saí por abandono de cargo. Esta é a realidade. Faltei mais de trinta dias e, se alguém falta tanto tempo sem se justificar, a lei determina que seja demitido por abandono de cargo. Eu provoquei isso.

Fora do Rio Grande do Sul, surgiram muitas oportunidades de fazer agricultura, como em Goiás e no Mato Grosso. Eu fui experimentar por lá. Consegui arrumar um armazém e fui me expandindo, produzindo sementes com cooperantes.

Eu tinha terras em quatro municípios diferentes de Goiás: Luziânia, fazenda Pampa e Cibele; Silvânia, fazenda Colorado; Vianópolis, fazenda sem nome porque fica dentro da cidade; e Cristalina, fazenda Ponche Verde. O nome Ponche Verde é um termo gaúcho, um agasalho que ele usa no inverno. Já a escolha



do nome Pampa foi por conta da topografia, uma área enorme, quase 1.500 hectares, plana. Quanto à Cibele, já veio com esse nome no documento e assim permaneceu. O gaúcho, no meio dos goianos!

Também tinha terras no Mato Grosso, em Lucas do Rio Verde e, ainda tenho, em Sinop, uma das cidades com mais futuro no Brasil. Aqui, em Passo Fundo, parece que temos 200 mil habitantes, com duzentos e poucos anos de emancipação, enquanto Sinop tem 47 anos e 210 mil habitantes! Olha a diferença! Em Sinop, não é fazenda. Eu comprei por causa da parte imobiliária.

No início, eu levei um capataz de Dom Pedrito para cuidar das terras. Comecei a plantar devagarinho, pegando um hectare de terra para plantar. Levei gente daqui, honesta e de minha confiança, para administrar. Aos poucos, fui conhecendo pessoas da região para trabalhar. À medida que fui me expandindo, contratei dois capatazes, um para atender em cada município. Eles me prestavam contas, escolhiam os funcionários bons para trabalhar o ano todo e outros apenas para ficar na safra.

Aqui no Sul, temos soja, trigo, arroz e milho, mas lá é apenas uma safra por ano. Então, não justifica ter empregados de vínculo permanente. Acredito que cheguei a ter 68 empregados temporários. Tem época que se precisa de mais gente para plantar, colher, capinar, limpar. Eu contratava por dia, por um período "x". Empregados fixos eram poucos. Eu também tinha um supervisor geral, muito bem remunerado, que me mantinha informado do que se passava por lá.

Eu fui o quarto a começar com a produção de sementes em Goiás. Comprei uma área, fiz um armazém e comecei a produzir semente. Como já disse, a semente lá no Centro-Oeste tem apenas um ciclo. Não dá duas safras como aqui no Sul, em função do nosso clima. Então, fiz uma parceria com a Embrapa, que pro-



duzia variedades novas, fazia pesquisas, e fornecia para plantar. Assim, eu aproveitava para fazer dois plantios por ano: plantava em Goiás, colhia em abril ou maio, e levava para Tocantins. Lá eu também plantava e colhia em outubro ou novembro ou dezembro. Dessa forma, ao invés de eu ter só cem sacos para vender, eu tinha quinhentos. Eu ganhava dinheiro porque era variedade nova. O Tocantins servia para fazer a multiplicação da mesma variedade no mesmo ano, porque, em função do solo lá e do clima, o plantio era mais tarde. O plantio nessa região tenha que se encerrar em dezembro, enquanto que lá podia ser no final de janeiro. Havia tempo para plantar aqui, colher, pegar a semente e plantar lá.

Uma variedade da semente em Goiás levava noventa dias para ficar boa, enquanto que em Tocantins, a mesma variedade, levava setenta dias. Assim, eu dobrava a produção para vender para a Embrapa. Eu aproveitava para ganhar mais dinheiro, tendo mais volume para vender, pois não tinha no mercado, eram materiais novos lançados pela Embrapa. Usava o mesmo equipamento, funcionários eu tinha, só os deslocava lá. Eu tinha um menor investimento e mais material para no futuro vender.

O Tocantins é um estado mais novo do que Goiás e a parte da atividade primária agrícola muito mais retraída. Naquela época, estava se expandindo aos poucos. O pessoal comprava e plantava de pouco em pouco. Hoje, cresceu, mas Goiás ainda ganha longe, porque todo estado, praticamente, tem agricultura. Então, tive uma unidade de semente em Goiás e outra em Tocantins. Acredito que, em Goiás, fiz mais de trinta anos e em Tocantins, uns oito, dez anos. Depois acabei vendendo lá e também reduzi um pouco a produção de Goiás, tendo em vista a concorrência que aumentou muito.

À medida que fui comprando mais áreas, arrendando mais



em Goiás, concluí que eu poderia produzir toda a semente que eu vendia nesse estado. Em Tocantins, não investi nem em terra, nem em armazém. As terras, eu arrendei, e o armazém, eu aluguei. Pagava o arrendamento da área e no armazém alugado colocava meus equipamentos para fazer semente.



Capítulo X



Empreendedor nato



O prédio, onde funciona o Hotel Da Vinci, foi ideia minha. Na época, apareceu esse terreno, que era do Seu Bordignon, e eu consegui comprar. Então, demoli a casa que tinha e construí esse prédio, em parceria com um engenheiro. Eu entrei com o terreno e uma parte em dinheiro. Já tinha uma construção no fundo com 62 quitinetes para alugar e vender. Aí, pensando em valorizar, veio a ideia do hotel, pois temos a entrada na Rua Morom e a saída pela Rua Fagundes.

Desde o início, funcionou como apart hotel. O pessoal, na época, não sabia bem o que era apart hotel. Vi isso também fora daqui. Quando comecei, tinha 25%, 30%, 40% de mensalistas e o restante de diaristas. Até hoje funciona como hotel e apart hotel.

O movimento atual está baixo, o que não acontece apenas conosco. Esta crise está atingindo todo segmento. É geral! Existem muitos hotéis em Passo Fundo. Tem toda a questão de con-



corrência, de alto custo para manutenção diária...

É a Rovena que administra o hotel, isso há muitos anos. Ela sempre desenvolveu esta atividade com muito prazer. É com ela. Ela se vira.



Capítulo XI



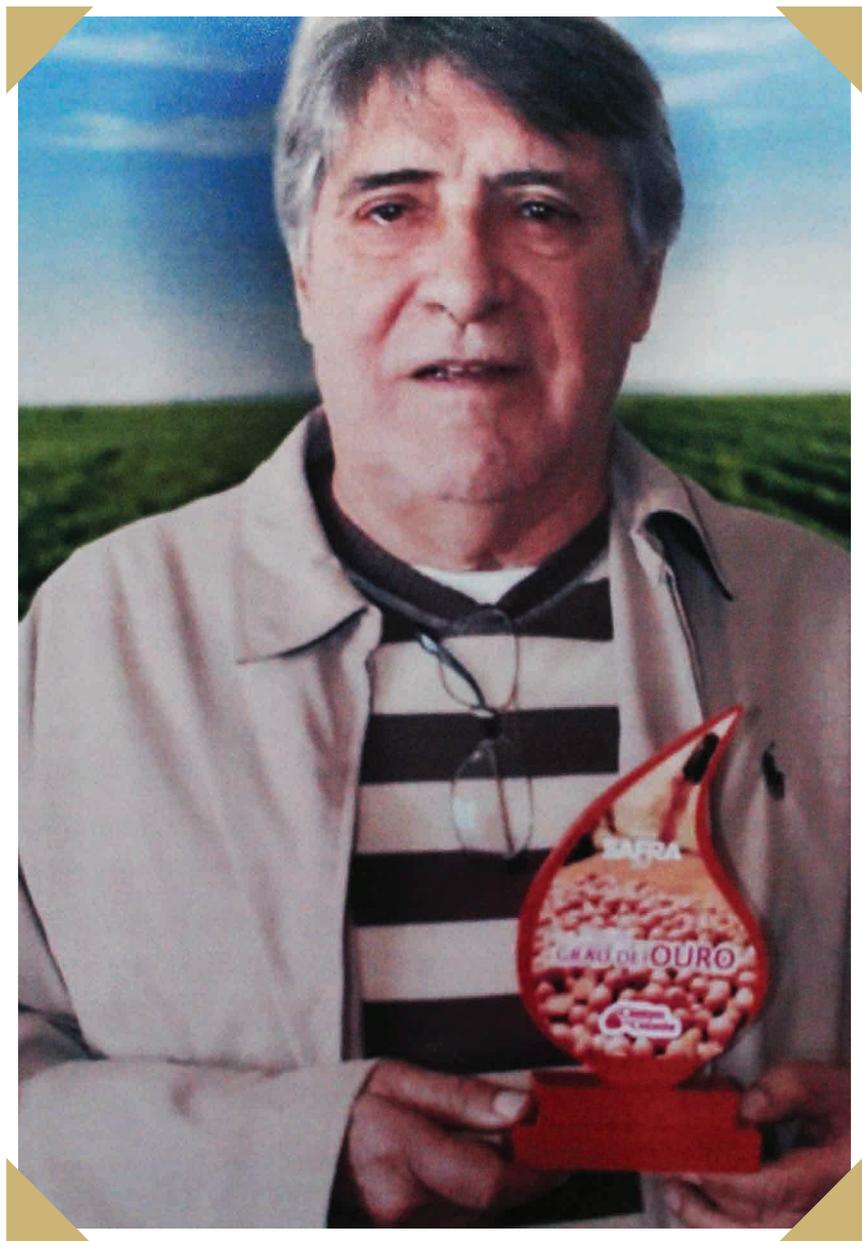
Momento de repassar



Decidi parar de plantar e ceder as áreas para os filhos. Coloquei três papezinhos em cima da mesa, cada um com o nome de uma fazenda, e disse para cada filho pegar um. Foi assim que dividi as fazendas. Simples assim! (risos).

Cada filho cuida da sua. Eu fiz de propósito para testar se sabiam se administrar. Esta é a palavra! Queria saber se saberiam se conduzir, se teriam capacidade de administrar, de viver disso daí. Felizmente, deu certo e é assim que está funcionando hoje. Graças a Deus, eles têm segurança por muitos anos! Andam sozinhos.





*Troféu Grão de Ouro, recebido em julho de 2017,
em homenagem à dedicação pela agricultura.*



Capítulo XII



Sempre atenta



Em meio a todo esse período da agricultura, eu sempre continuei atento para ver se aparecia alguma terra ou imóvel, de barbada, para comprar e vender, e, no geral, graças a Deus, sempre tive “bons” resultados. Então, hoje, eu tenho imóveis esparramados por vários locais do Brasil.

Este gosto pela aventura, em procurar sarna para me coçar (risos), acho que foi Deus que me deu. Comecei isso, desde muito cedo. Comecei com as garrafas; depois passei a comprar e vender lambretas e bicicletas; depois inventei de criar os consórcios de automóveis, sendo que fui um dos pioneiros aqui. Não sei se Deus me ajudou ou se é genético.





Capítulo XIII



Laços fraternos



Hoje, as minhas irmãs Iara e Marisa moram aqui em Passo Fundo, e a Núbia mora em Porto Alegre. A Iara é viúva do Reno Tirapelle; a Marisa é casada com o Oscar Pizzinato; a Núbia é solteira e Sônia, prima que se criou conosco, é casada com o Clóvis e moram em Rosário do Sul. Costumo procurar por elas, mais eu a elas do que elas a mim. A Marisa mora aqui em frente ao meu escritório e a Iara mora perto da Igreja Matriz. Já a tia Sônia mora em Rosário do Sul.

Núbia, a mais velha das irmãs, está em uma excelente casa para idosos, nota dez, lá em Porto Alegre. Está com Alzheimer. Eu estou com 82 anos e ela está com 80. Bem fragilizada. Telefono com frequência para ela. Às vezes venho de Brasília e desço em Porto Alegre, para visitá-la. Aí, depois, venho de ônibus para cá. Em outras vezes faço o contrário, vou de Passo Fundo a Porto



Alegre, de ônibus, e deixo para pegar o avião lá, para vê-la.

Eu acho que, em parte, sou o agregador da família.



Revena e eu com minhas irmãs Lara, Níbia e Marisa.



Capítulo XIV



Viagens além de turismo



As viagens que proporciono à minha família também têm o propósito de aproximação, de convivência com todos no mesmo momento, já que o Fábio e a Luisa estão em Brasília e a Cláudia está aqui. É uma questão de logística. Não é 100% como eu gostaria, mas não dá para se queixar.

A Rovena e eu, ao menos uma vez por ano, procuramos viajar uns quinze, vinte dias com a família para a gente conviver, participar... Também fazemos passeios eventuais de quatro, cinco dias. É a forma que temos para nos reunirmos. Nossa família é muito sadia, bacana. Temos um relacionamento muito sincero. Isto é fundamental. Gostamos, realmente, da nossa amizade e do parentesco da gente, entre pais e filhos, genros e nora. Eu, como pai, e a Rovena, como mãe, somos muito felizes por termos constituído uma família assim, com o pessoal que veio para o nosso time, muito boa gente também.



Uma viagem muito interessante que fizemos foi à Europa. Ficamos vinte dias a bordo do navio. Depois, fizemos outro cruzeiro no litoral brasileiro, mas o que me marcou mais foi lá. Nesse do litoral brasileiro também foi muito bom: saímos de Santos e fizemos um grande giro. Fica todo mundo junto, é o convívio diário, né?

Uma vez, Rovená e eu fizemos uma viagem pela Europa, durante cinquenta dias (risos). Foi excelente! Temos este hábito de viajar. Acho que é uma coisa agradável a gente desliga das preocupações rotineiras. Quando embarco no navio ou no avião, já deixo os problemas para trás. Não esquento a cabeça. Já fizemos muitas viagens bacanas e continuamos a sentir vontade de fazer outras. Não sei se têm países da Europa que ainda não conhecemos (risos). Durante nossos 56 anos de casados, já fizemos 31 cruzeiros.

Na maioria das vezes, fomos com grupos de empresas de turismo. Facilitava a comunicação, pegar táxi, além de que, quando os filhos eram pequenos, isso nos dava mais tranquilidade. Agora, viajamos sozinhos, apenas o casal, sem excursão. Não temos mais dificuldade de nos comunicarmos.

Ainda na época em que eu era fiscal, eu tinha um belo salário, ganhava muito bem, e consegui comprar um cruzeiro de trinta dias, saindo de Rio Grande, passando por todas as capitais do Nordeste e indo até Manaus, pois eu queria oferecer essa viagem aos tios com quem morei. Eles estavam em torno dos cinquenta anos. Devo muito a eles; tivemos, durante muitos anos, um convívio muito sadio.

Foi minha primeira viagem de navio também. Foi um espetáculo! Era um navio de bom tamanho e ele fez várias paradas. Tinha uma ótima alimentação a bordo. Os meus tios e eu ficamos impressionados! Nunca tínhamos visto uma coisa dessas!



Apesar de mais tarde ter feito vários outros cruzeiros, em navios bem maiores, não sei se, em qualidade de prestação de serviço, de atenção, de cortesia, esse não foi o melhor. Foi muito bacana! Foi algo que marcou a minha vida. Nenhum de nós passou mal. A Rovená e eu já tínhamos a Cláudia e o Fábio e eles foram conosco.

Também me lembro de outro cruzeiro em que pegamos o navio na Europa, costeando o litoral europeu, e fizemos algumas paradas muito interessantes. O que mais me chamou a atenção é que tinha um serviço de bordo espetacular e opções de lazer nota dez! Cabines muito boas. Nessa época era eu que costumava organizar o roteiro das viagens, trocando ideia com a Rovená.

Gosto de experimentar coisas diferentes, como esquiar, por exemplo, só que não dei ponto! (risos) Nos lugares onde andamos e que tinha esqui, eu aproveitava, mas acabei por desistir! (risos) Sempre fui de “colocar a cara”! A Rovená, às vezes, me acompanhava meio contrariada, com medo: “Isso aí não vai dar certo, nós vamos nos machucar!” Eu sendo sempre mais aventureiro.





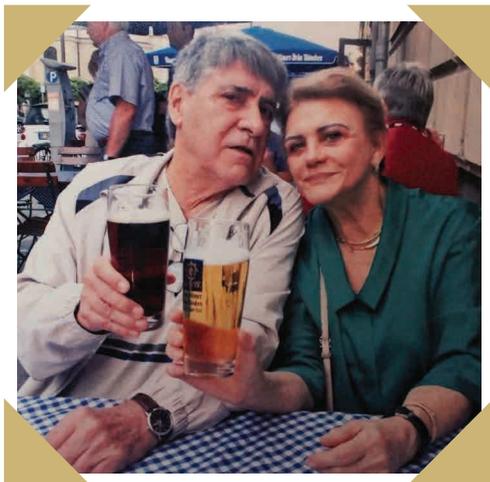
*Com a esposa
e as netas
Rafaela e
Roberta,
Roma,
2006.*



*Bariloche
2019.*



*Troia, Turquia,
maio de 2015.*



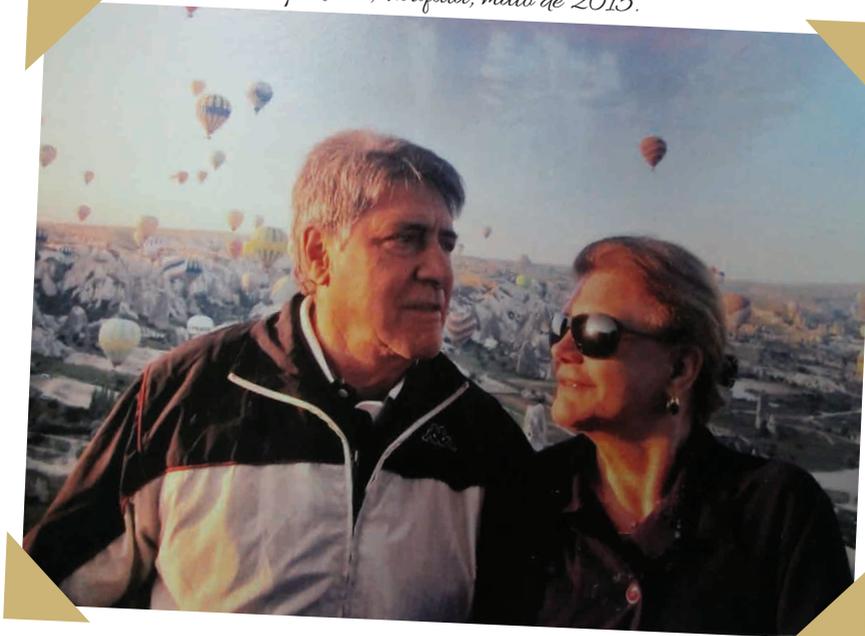
Berlin, julho de 2015.

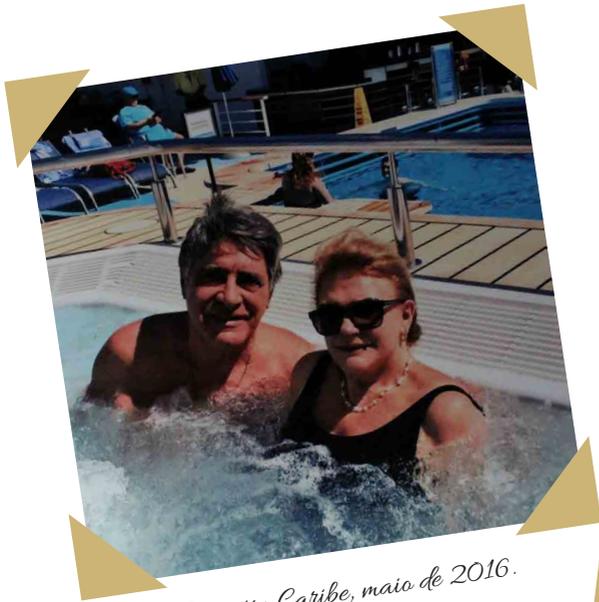
Veneza, julho de 2015.



Pamukkale, Turquia, maio de 2015.

Capadócia, Turquia, maio de 2015.





Cruzeiro Caribe, maio de 2016.



St. Maarten, maio de 2016.



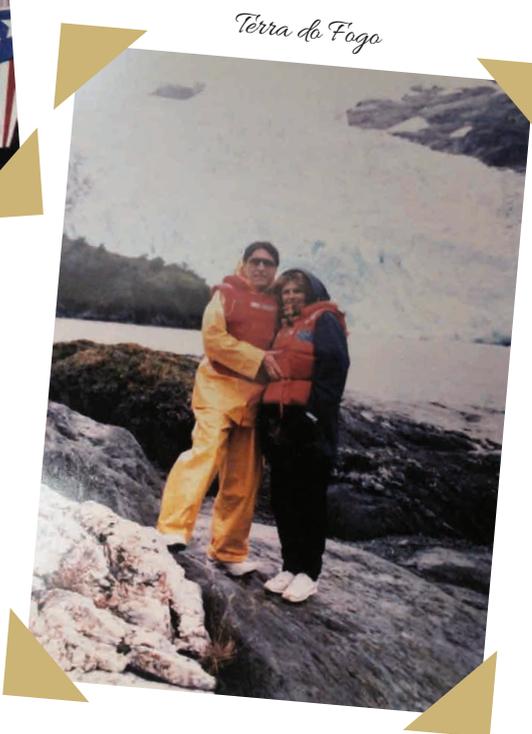
Milão, julho de 2015.

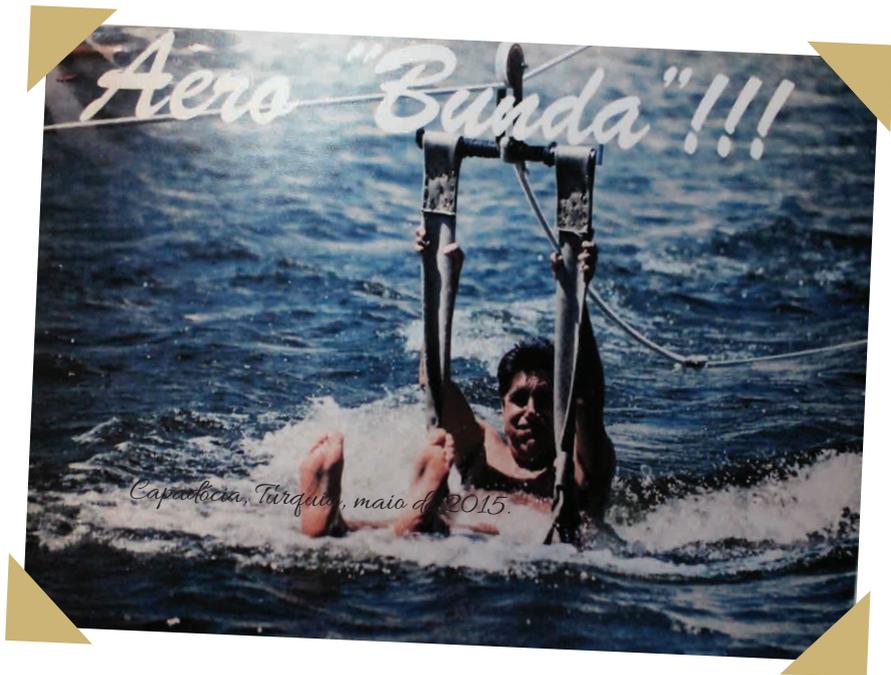


Estados Unidos, julho de 1981.



Em um dos cruzeiros que fizemos.





Capítulo XV



A vida hoje



Eu tenho uma imobiliária Moeda Forte, que é coisa recente, aqui em Passo Fundo. Existem algumas áreas aqui, de minha propriedade, em que podem ser feitos excelentes loteamentos. Criei esta imobiliária, pensando em me acomodar em nossa cidade, pois, em função da minha idade, quero fazer negócios mais seguros. Como tem acontecido no mercado em geral, a situação está andando muito lentamente, mas não quero ficar sem fazer nada.

Meu temperamento é de empreendedor. Sempre tive gosto pelo desafio. Mas tudo o que eu tinha por aventurar, já aventurei! Porém, sempre fui muito pé no chão. Quando eu inventava alguma coisa e vinham muitos obstáculos, eu parava logo. Não adianta ter só pensamento positivo.

Tenho mais duas imobiliárias, uma em Luziânia, a Terra Forte, e outra em Florianópolis. Além disso, tenho várias pen-



dências em Goiás e no Mato Grosso que preciso dar um destino agora, momento em que estou com discernimento suficiente para tomar importantes decisões.



Capítulo XVI



Agradecendo a Deus



Eu tenho muito mais do que mereço: família, amigos, saúde e... bens, porque eu não tinha nada. Então, achei que poderia fazer alguma coisinha voltada para o social. Foi aí que eu tive a ideia de criar a Associação Beneficente Ensine a Pescar, ABEP, ou seja, não dê somente o peixe. A ABEP tem 22 anos de existência. Tomei essa decisão no meu aniversário de sessenta anos.

Pensei em procurar uma forma de dar trabalho às pessoas mais humildes, mais necessitadas. Assim, comecei com a ABEP aqui em Passo Fundo. Ela foi fundada no dia 07 de junho de 1997. O primeiro trabalho foi na Vila Donária. Tinha um ginásio ali, que ainda existe. Entrei em contato com a prefeitura, pedindo para me cederem o terreno. Ele pertencia à União, mas quem cuidava era a prefeitura, pois o ginásio estava abandonado. Disse que eu pretendia fazer uma horta para plantar verduras e me autorizaram a ir em frente.



A horta tinha, mais ou menos, 30m de largura por uns 50m de fundo. Fechei com tela e fiz poço artesiano. Dividi em canteiros individuais e chamei só moradores da própria vila para trabalhar. Funcionava da seguinte forma: eu pagava as mudas, dava adubo e eles cuidavam, vendiam e ficavam com a renda. Aquele que não cuidasse do seu canteiro por três dias, era descartado. Funcionou por muitos anos lá.

Também aconteciam, no pavilhão, cursos de culinária para as mulheres. Funcionava como na horta: eu dava o material e, depois, elas vendiam.

Tínhamos um local na GARE para expor outros produtos. Algumas pessoas faziam peças em vidro, em suas casas, com o dinheiro que eu dava, e iam vender nesse espaço.

Usávamos uma Kombi nesse trabalho simples, modesto, que tinha como intuito ensinar a pescar.

Resolvi, em função da minha faixa etária, encerrar a ABEP, tanto aqui, quanto no Centro-Oeste, pois, apesar de ser um belo projeto, exige muita dedicação e parcerias “de fé”. Foi uma decisão um pouco difícil para mim, embora tenha sido coerente e realista, porque eu desenvolvia esse trabalho com muito carinho.

A procura era bem intensa. Sempre tinha gente na fila de espera. Tínhamos um limite de idade de, no mínimo, 16, 18 anos. Nos últimos tempos, estávamos com cursos apenas na área de informática e beleza. Sempre tive o pensamento de que teriam que ser cursos práticos, sem maiores complexidades.

Com a criação da ABEP eu sinceramente senti muita satisfação, mas esperava de mim fazer mais. Frustrrei-me ao perceber que são poucas as pessoas que se dispõem a contribuir e investir em algo assim. É um trabalho simples que dá resultado.

Eu gostaria de ter feito mais pela ABEP, porém alguma coisa



eu fiz. E agora, apesar de estar encerrando esse projeto, minha intenção é continuar a fazer algo na área social. Isto é do meu temperamento: procurar ajudar os mais humildes a buscar trabalho, de tentar defendê-los. Faço isso, espontaneamente, porque eu passei por isso. Tive dificuldade em encontrar trabalho. Como já disse, meus pais eram pessoas muito humildes. Então, quero continuar nessa proposta, mas dentro das minhas condições atuais. Preciso repensar. Não adianta inventar, começar e parar, sem dar seguimento. Quero fazer algo produtivo e simples, buscando parcerias honestas.

Uma ideia que tem me ocorrido é criar uma entidade particular em que eu iria buscar emprego para as pessoas humildes, onde elas seriam cadastradas, conforme a qualificação de cada uma delas. Daí seria feita uma triagem e as pessoas seriam encaminhadas para uma experiência de noventa dias, ou na indústria, ou no comércio. Parece-me algo simples e que poderá abrir portas para gente humilde, pois, a partir do momento em que a entidade venha a ter credibilidade, os próprios empregadores poderão vir até nós.

Eu ficaria como um mediador entre a busca de trabalhadores no mercado e as pessoas cadastradas na entidade. Nosso objetivo é inserir pessoas no mercado de trabalho, dando continuidade ao ideal da ABEP: ensinar a pescar, e não dar o peixe.





Capítulo XVII



Os descendentes dos meus descendentes



Quando fui avô pela primeira vez, vivi um momento de muita felicidade porque os netos dão um seguimento à nossa geração, não é verdade? A primeira a nascer foi a Rafaela, filha da Cláudia e do Ernesto. Eles estão separados, mas isso não foi algo difícil para mim porque sempre fui muito prático e realista. Acho que foi uma atitude sincera entre eles e que, a partir daí, os dois começaram a viver melhor. Tenho certeza disso.

A Rafaela estudou, progrediu, se formou em Medicina, e hoje está em Porto Alegre fazendo residência. Eu admiro muito nela seu espírito de determinação. Desde mais nova, ela me dizia: Vô, eu quero ser médica! Ela tem todo um horizonte favorável por ter essa determinação e por gostar do que está fazendo.

Eu sou um avô de muita sorte, porque a Roberta, também filha da Cláudia e do Ernesto, é uma menina muito responsável,



coerente, honesta, como é a Rafaela também. Ela optou pela área de Psicologia. Está finalizando seu curso e, graças a Deus, tem um futuro muito bem posicionado.

A minha filha Cláudia, mãe da Rafaela e da Roberta, está muito bem e hoje tem um novo parceiro, o Marcelo. A minha convivência com ele não é permanente porque eu viajo muito, mas a impressão que eu tenho é de que é uma ótima pessoa. Os dois estão se entrosando muito bem. Fico feliz, como pai, em ver que minha filha está com uma pessoa de caráter.

O meu filho Fábio é casado com uma moça daqui, a Tina, uma pessoa muito séria. É parceira total dele, inclusive acompanha todos os seus negócios particulares. É o seu braço direito. Eles têm dois filhos, o João Vítor e o Santiago. O João Vítor, que hoje está com 16 anos, é uma pessoa bastante inteligente. Já tem seus objetivos traçados e é muito determinado. Admiro ele ter, nessa idade, essas virtudes. Quer se formar na área da computação e, depois, vir para cá. O Santiago é mais moço. Está com 12 anos. É uma criança bem comunicativa e gosta muito de esporte. Eu sou suspeito em falar, mas vejo o futuro desses dois meninos muito promissor.

A Luisa é casada com o Rodrigo. Ele é uma pessoa muito bacana, muito correta, que vai atrás de seus objetivos. Tem iniciativa e procura trabalhar com coisas diferenciadas. Hoje, eles locam equipamentos para construção civil e, paralelamente, a Luísa planta, tem lavoura. Começaram também a mexer com gado porque o Rodrigo gosta. Os dois estão bem integrados, graças a Deus. Eles têm duas meninas: a Maria Carolina, com 13 anos, e a Cecília, com 10 anos.

Fico impressionado como a juventude está muito mais evoluída, inclusive em atitudes, pensamentos. Eles têm posições que eu não tinha nem perto do que têm hoje. É uma geração diferen-



ciada. Têm muita segurança: Vô, eu queria ser isso; vô eu queria ser aquilo... (risos). A pequena da Luisa, a Cecília, diz: "Vô, eu quero trabalhar contigo!" Ela quer que eu seja sócio no negócio dela. (risos)

Sinto segurança, satisfação com meus filhos. Sempre, quando precisaram de qualquer empurrãozinho, nunca nos negamos, é obrigação dos pais. Se não fizer pelos filhos, vamos fazer para quem? Em contrapartida, sinto que são gratos, que estão à disposição da gente. Graças a Deus com família é um relacionamento muito bom.



Com a família da filha Luisa.



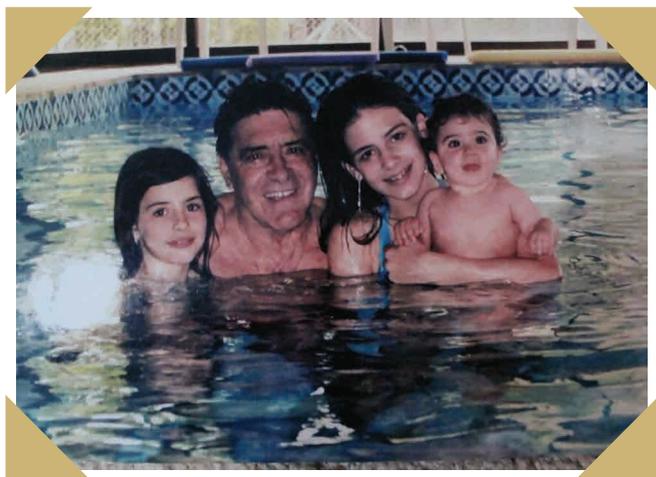
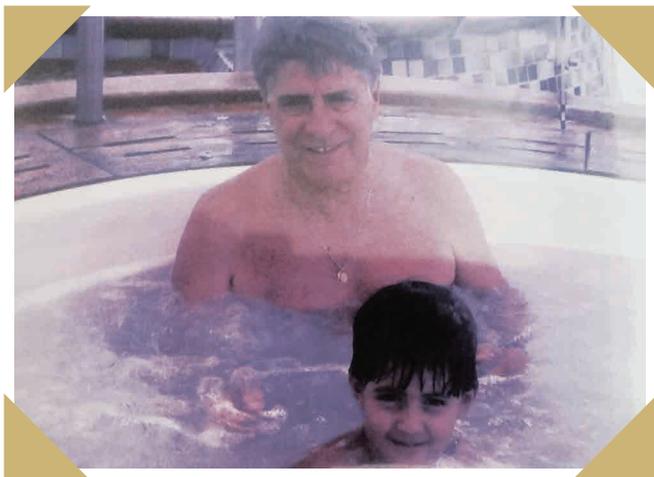
Com as netas maria Carolina e Cecília.



POOL RULES

SHOWER BEFORE

*Com o neto
Santiago.*



*Com as netas
Rafaela, Roberta e
Maria Carolina,
em 2006.*

*Com o neto
João Vitor.*



*15 anos da nossa neta
Rafaela, agosto de 2018.*

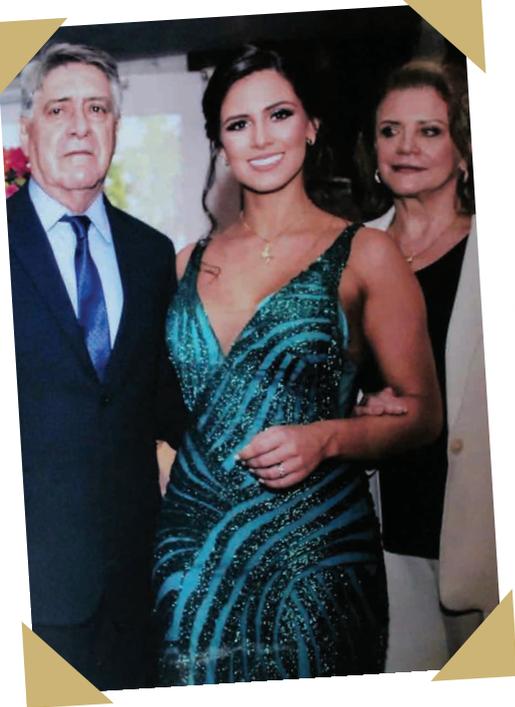


*Debut da nossa neta Rafaela,
setembro de 2013.*

Coroação da nossa neta Roberta, como Rainha do Clube Comercial, maio de 2015.



*Formatura da nossa neta Rafaela
em Medicina, maio de 2018.*



*Um aninho do nosso neto
João Vitor, agosto de 2013.*

*Tatuagem da minha
assinatura que a
minha neta Roberta
fez em minha
homenagem, 2019.*

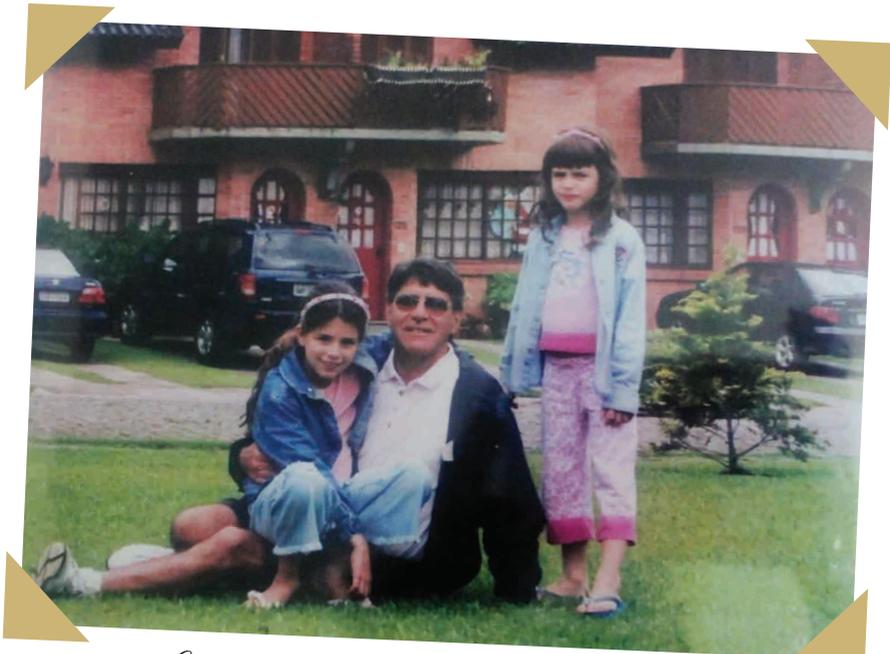




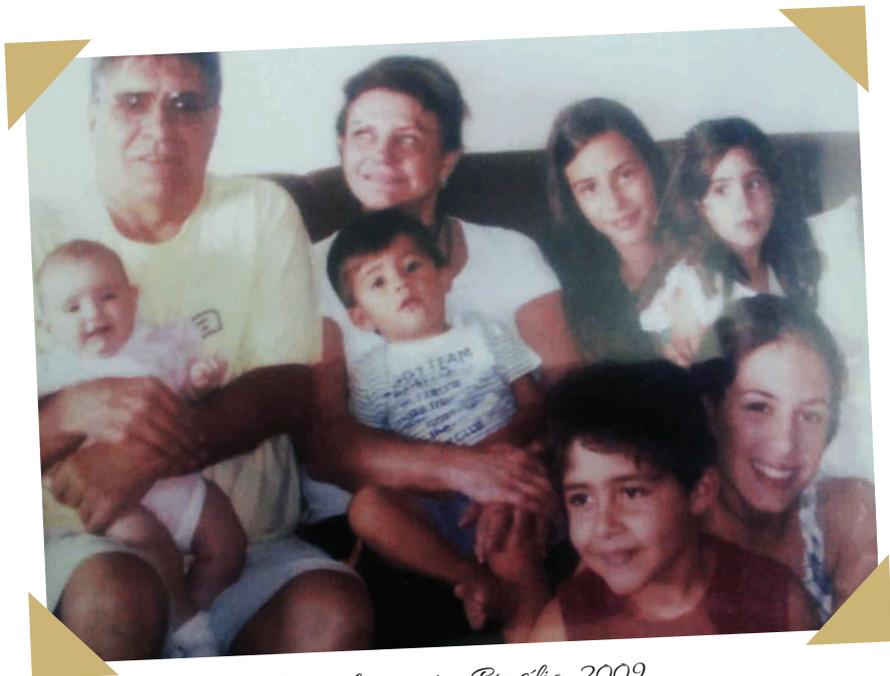
*Com os netos João
Vitor e Santiago,
dezembro de 2014.*



*Com minha neta
Maria Carolina*



Com as netas Rafaela e Roberta, Gramado, 2003.



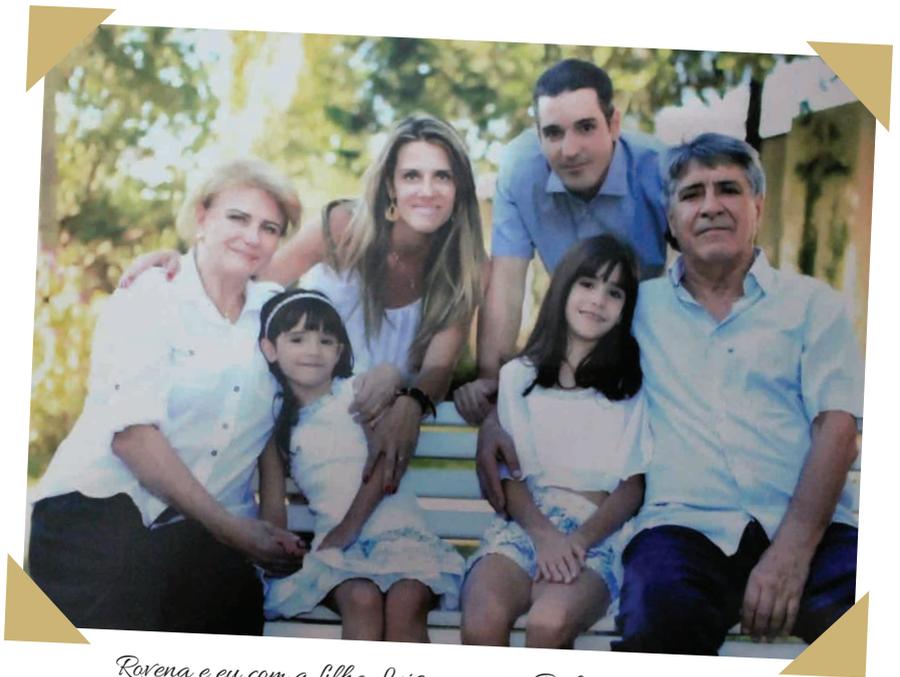
Com todos os netos, Brasília, 2009.



Netos, verdadeiras bênçãos em nossas vidas, dezembro de 2014.



Brasília, 2012.



*Revena e eu com a filha Luísa, o genro Rodrigo e as netas
Maria Carolina e Cecília, dezembro de 2014.*



*Revena e eu com o filho Fábio, a nora Tina e os netos João Vítor e
Santiago, dezembro de 2014.*



Rovena e eu com as netas Rafaela e Roberta, dezembro de 2014.



*Rovena e eu com nossos três filhos e todos os netos,
dezembro de 2014.*

Capítulo XVIII



Receita conjugal



Estamos casados há 56 anos! É uma vida! (risos) E posso dizer que nosso casamento continua muito bom. Considero que bom humor e não levar tudo à ponta de faca são bem importantes para manter um relacionamento satisfatório. E, graças a Deus, eu tenho os dois! (risos)

A casa em que moramos hoje é muito grande: são quatro apartamentos, dois deles maiores. Então, temos a intenção de ir para um apartamento que tenha mais conforto para idoso. Estamos sendo previdentes, mas já estão previstos quartos para receber os filhos e família quando vierem nos visitar. Eu abri a porta para eles irem plantar em Brasília. Então, o natural era que fossem para lá.

Ter jogo de cintura facilita bastante o andamento da vida. A Rovena sempre aceitou esta minha vida de itinerante e, felizmente, a gente só somou.





Dezembro, 2014.





Pilates, 2018.





Capítulo XIX



Amigos seguros



Conheci muitas pessoas ao longo da vida, mas amigos não sei se chegam a cinco. Muitas pessoas se aproximavam em função de algum interesse, mas amigos, mesmo, três ou quatro no máximo!

Tenho uma amizade muito boa com um agrônomo de Brasília, o Seu Moacir, e um advogado do Mato Grosso, o Dr. Jair. São pessoas de quem me aproximei e procuro manter contato. Eu os conheço há mais de cinco, dez anos.

Tenho o hábito de, caso tenha alguma dúvida na área jurídica, por exemplo, buscar a informação de um advogado amigo, mas não abro mão de ouvir a opinião de mais dois. Você tem que ter um advogado em quem confia, mas, na dúvida, consulta outros. A coisa mais barata que tem é consultar com pessoas honestas: Eu estou em dúvida? Então, eu vou estudar para esclarecer e, depois, te dar a informação.



Uma pessoa que me acompanha em Brasília, o José Caetano Nunes de Oliveira, é natural de Minas Gerais. Conheci este rapaz por acaso. Ele foi trabalhar em um posto de gasolina próximo à minha fazenda e um dia ele me abordou: Eu sou técnico agrícola e gostaria que você me desse um trabalho. Disse-lhe que iria analisar. Pedi informações para o dono do posto, que me disse que ele era um rapaz sério.

Desde a primeira vez que conversei com ele, gostei do seu jeito. Então, propus fazermos uma experiência de trinta dias. E deu certo! Ele me ajudava como motorista para lá e para cá e também trabalhava na fazenda como técnico agrícola. Eu vinha para cá e ele controlava o plantio, a colheita. Ficava cuidando e morando na fazenda, mas hoje o seu trabalho é, essencialmente, me acompanhar e, quando não estou em Brasília, acompanhar os meus netos. Leva e busca os filhos do Fábio e da Luísa no colégio. Resumindo, está comigo há mais de vinte anos! É meu anjo da guarda lá. Mora comigo em Brasília. É uma pessoa da minha inteira confiança. É um espetáculo! Sou um sortudo por ter um menino desses! Muito simples, honesto, humilde. Digo sempre a ele que é o meu braço direito!

A interação do Caetano com a minha família é muito boa, está sempre à nossa disposição.

Não posso, de forma alguma, deixar de mencionar o Zé, pessoa que trabalha em nossa casa e que está conosco, há muitos anos. Desde então, conto com sua lealdade para ajudar a cuidar de toda nossa família.

O César, meu primo, é outra pessoa, inteiramente, da minha confiança. Muito boa pessoa! Honesto, se vira, briga pela gente. É filho da irmã da minha mãe, tia Estela. Faz muitos anos que ele trabalha comigo. Ele está próximo de se aposentar. Foi sempre o meu braço direito aqui, pois eu estava sempre viajando, longe.



Acho que o primeiro emprego dele foi comigo. Tanto o César, quanto o Diego, seu filho que cuida da imobiliária de Florianópolis, são sinceros em me dizer com o que concordam ou não nos meus posicionamentos.

Também já falei sobre minhas irmãs, a Marisa, a Iara e a Núbria, com quem tenho fácil proximidade. Admiro a força espetacular com que a Marisa está se dedicando aos cuidados com seu marido. Sempre tivemos, entre todos, um relacionamento muito bom e sincero. Eu, dentro do possível, precisando de mim, com prazer, estendo a mão.

A Rovena tem quatro irmãos que moram aqui, dois em Porto Alegre e outro em Camboriú. Aqui tem a Maria Helena (casada com o Oscar), a Elcita, o Nívio (casado com a Teresinha), e o Alceu (casado com a Marzeli). Em Porto Alegre, tem a Marisa e o Valmor (casado com a Zenaide), em Camboriú, tem o Flávio, casado com a Tione. Hoje, os encontros com todos eles é mais eventual, pois, em função da idade, não é tão simples se deslocarem. A Marisa é que vem mais seguidamente.

Quando aconteciam os Natais, os finais de ano com toda grande família, sozinhos fazíamos uma festa (risos). Porém, agora, com a idade avançada, até isso se reduziu. Cada um fica no seu canto, diferente de quando éramos mais novos. A Rovena, a Elcita e a Maria Helena eram as que mais promoviam os encontros. Hoje somos mais a Rovena e eu que os visitamos. A cada semana, dez ou quinze dias, vamos visitar os irmãos e irmãs dela. Procuramos manter contato sempre, pois eu considero família uma das coisas importantes da vida. Aprendi a dar essa importância com meus pais, pois enquanto eu estava morando com meus tios, aqui em Passo Fundo, eles sentiam muito quando eu não aparecia lá.

Eu creio que, de modo geral, consegui passar para os meus



filhos esse amor puro que vivenciei na casa dos meus pais. Percebo que nossos três filhos têm preocupação com a gente e, além disso, tenho uma esposa que é de ouro! Considero a Rovena uma mãe e uma avó excelente. Valorizo muito isso! Também temos um relacionamento muito bom, muito sadio. Sou privilegiado! Deus me deu muita coisa.

Também não posso deixar de mencionar os depoimentos de algumas pessoas, dados numa entrevista na rádio de Marau, com as quais trabalhei ao longo da vida:

Valdir Sozo: “Colega de bancada, o Ivanhoé foi um dos vereadores mais inteligentes e perspicazes na sua visão de Marau. Ajudou o progresso dessa cidade, sem receber qualquer remuneração. Foi o professor da faculdade que não tive na vida e com o qual tive o privilégio de trabalhar durante 22 anos.”

Marli Monteiro: “Agradeço a oportunidade de ter tido meu primeiro emprego, onde permaneci por 40 anos, com este homem de fibra, empreendedor e dinâmico. Tenho muita gratidão, admiração e carinho por tudo o que aprendi com ele.”

Nivaldo Bortoluzzi: “É difícil quantificar tanta coisa que o Ivanhoé fez na sua trajetória empresarial. Trabalhei por quase 30 anos com ele e só tenho a agradecer a oportunidade de ter, com sua convivência, crescido e aprendido muito profissionalmente. Pessoa que não tinha ambição, mas obstinação. É um visionário. Consegue vislumbrar o futuro, tanto que seus negócios foram bem sucedidos, gerando emprego e renda. Como pessoa, ele é dotado de grande generosidade, sempre disposto a colaborar e ser prestativo no que estiver ao seu alcance.”

Assis Silveira Machado: “O Ivanhoé é muito mais do que um primo para mim. Foi o responsável por me trazer para o Centro-Oeste, sempre me apoiando muito. É amigo, irmão e, às



vezes, até mesmo um pai. Só tenho a agradecer...”

Deorides Tímbola: “O Ivanhoé é um grande homem. Empreendedor, desbravador, profissional e pai de família. Uma pessoa exemplar! Sempre apoiou a mim e à minha família. Agradeço por todos os ensinamentos. O senhor é como se fosse um segundo pai para mim, meu amigo e parceiro! Só tenho a agradecer a oportunidade de ter vindo trabalhar no estado de Goiás, por seu intermédio.”

Também recebi, espontaneamente, esse depoimento da *Cristiane Fátima B. de Oliveira*, nossa colaboradora desde 1996: “Figura marcante, de personalidade forte, inteligente, com um faro inigualável para os negócios. Como pai, de corpo muitas vezes ausente, mas de alma e de coração sempre presente! Como chefe, é enérgico, porém educado e respeitoso. Esse é o Ivanhoé Silveira Moura que começou a construir sua trajetória ainda criança, vendendo garrafas para ajudar no sustento da família. Assim, foi ampliando seus negócios, sempre vendo oportunidades onde ninguém mais vê. Foi com muito trabalho, esforço e dedicação que chegou onde chegou. Construiu um império sólido, tendo como alicerce sua família. Mas o Ivanhoé conquistou muito além de fortuna. Conquistou amigos e admiradores. Talvez ele nem saiba o quanto é admirado e, se um dia precisar, poderá contar comigo e com todas essas pessoas. Não tenho a menor dúvida disso!”

O Moacir, amigo de Brasília, da mesma forma fez questão de se manifestar: “Dr. Ivanhoé, mesmo que eu ainda viva muitos anos, sempre terei um coração agradecido por conviver com uma pessoa que, em todos os momentos em que estamos juntos, me dá uma lição de humildade, criatividade e empreendedorismo. Também admiro sua sensibilidade de agradecer as dádivas de Deus em sua vida. Quando pergunto como o senhor está, logo



vem a resposta: Estou bem, graças a Deus. O Velhinho lá do céu tem me ajudado muito, porque estou melhor do que mereço.”

Minha única palavra a todos vocês, por tão generosas palavras, é uma única só: gratidão! Porém, acredito que, apesar de ouvir de muitas pessoas que servi de inspiração para suas próprias vidas, acredito que, sem a parceria de pessoas de caráter, eu não teria feito, nem chegado até onde cheguei. Na verdade, quem faz o bem, colhe o bem! Não me considero egoísta, invejoso, maldoso... Procuro viver uma vida simples, honesta e sincera. Talvez, por isso, vejo que o que peço a Ele, Ele me atende e ajuda. Não canso de repetir: Deus me deu muito mais do que mereço!



*Rovena e eu com meus
cunhados e parceiros
de toda uma vida,
Maria Helena e
Oscar.*



*70 anos
da minha
sogra, Dona
Ernestina, com
a família da
Rovena.*

Capítulo XX



Vida ativa



Sempre gostei, muito, da prática de esportes: padel, tênis, natação, vôlei, caminhadas, futebol, esqui aquático, squash, golfe... Sou meio “bicho carpinteiro”: gosto de me manter ativo, praticando atividade física.

Hoje, encontro no pilates e na academia duas maneiras de preservar essa prática. Parar, nem pensar!





Agosto, 2019.

Agosto, 2019.



Capítulo XXI



Meu maior legado



Adquirimos um patrimônio que considero bastante interessante, e estamos inserindo os filhos nesse patrimônio de forma individual. Isso para que cada um ande sozinho, trilhe seu próprio caminho e, assim, os atritos sejam evitados. Iniciei separando as lavouras: cada um cuida da sua propriedade. É uma forma de renda para eles. Agora vou iniciar uma segunda etapa: quero sugerir atividades paralelas.

Ofereci aos meus filhos esse segmento ligado à agricultura, e felizmente eles gostaram. Eles trabalham com vontade, com prazer, e não por obrigação. Então, nesse sentido, penso que fiz uma coisa certa. Além disso, tratei de separar: aquele que trabalhar melhor, terá uma renda melhor; quem for mais negligente, terá um resultado equivalente; quem fizer coisa errada, vai arcar com as consequências. As oportunidades foram dadas da mesma forma, e eles estão dando conta.



Pode ser que queiram ampliar, fazer outras atividades, pois agora têm os filhos. Então, vamos ver o que vai acontecer, mas, quer queira quer não, a lavoura é uma bela moeda no bolso. O dia que não quiserem mais, vendem ou arrendam, e vão apoiar os filhos. Isso dá segurança para a família no futuro.

A minha concepção é esta: estou procurando colocar as coisas dentro da realidade, separar os bens. Tem que haver uma aproximação de valores, o que não é fácil de acertar.

Considero nossa família abençoada por Deus. Além do que procurei passar em termos de patrimônio, sempre procurei transmitir valores morais, que considero indispensável, e tratar todos da mesma forma! Não tratar mal o mais humilde e tratar melhor aquele que tem dinheiro. E me parece que meus filhos têm essa mesma tendência. Este é um lado que eu entendo que é muito importante: a questão do caráter da pessoa.

Quando meus filhos têm alguma ideia ou querem dividir algo, eles ainda me consultam. Cada um tem seu próprio modo de ser, seu pensamento, mas nada que cause atrito ou que a gente se estresse. A convivência é muito sadia, há muita honestidade no que conversam, não são de passar a conversa nos outros, nem de inventar histórias. Então, nesse ponto também, eu considero que a Rovená e eu somos pais felizes. Procuramos tratar nossos filhos da melhor maneira possível, mas a gente também falha de vez em quando. Talvez, às vezes, eles tenham alguma expectativa que acaba não acontecendo, mas faz parte da vida.

O que eu espero e desejo da vida é que meus filhos nunca se distanciem. Eles se comunicam, e isso, para mim, é muito gratificante. Têm coisas que eu tenho motivado eles a resolver, entre os três, comigo junto, da forma mais harmoniosa e justa possível. Acredito que o papel de pai e mãe é agregar. Quero ser o mediador entre eles e colocar tudo às claras no papel.



Eu penso ser uma pessoa de muita sorte. Fui abençoado por Deus. Oitenta por cento das pessoas que eu conheço são excelentes. As demais, que eu não gostei: Tchau! Obrigado! Tenho uma família com muita saúde. Só posso agradecer a Deus.

A minha frase, de coração, é que Deus me deu mais do que eu mereço. Eu agradeço a Deus todos os dias porque eu olho para o lado. Eu vejo quanto pessoas estão piores do que a gente. Então, o que faço muito é orientar as pessoas, mesmo aquelas que eu não conheço, mas que são humildes. Eu chamo e digo: “Deixa de pensar como você está fazendo porque está errado. Procure pensar dessa outra maneira”. Coisa simples, mas, como convivo com muitas pessoas simples ligadas à agricultura, à lavoura, vejo que, por vezes, elas têm uma visão muito limitada. Não faço distinção entre gente que tem curso superior e o analfabeto.

Tudo aquilo que se lança no universo, tem a tendência de retornar a nós. O que se dá de bom coração, com sinceridade, acaba-se recebendo de volta. Esta é uma verdade incontestável!







Depoimentos



*M*eu pai, como profissional, é um homem à frente do seu tempo. Saiu de onde saiu e chegou onde chegou com habilidade, honestidade e muito trabalho.

Como pessoa, meu pai é um exemplo de vida. Foi ele que me ensinou tudo o que sei. Só tenho a agradecer a este homem por ser a pessoa maravilhosa que é. Ele é o meu norte, pois não importa onde esteja, sei que sempre estará, no mesmo lugar, me esperando.

Te amo, pai! O meu muito obrigado, carregado de um olhar mais do que carinhoso a você.

Fábio, filha



*M*eu pai... Uma pessoa que admiro pelo que é e por tudo o que conquistou. Admiro seu caráter, sua inteligência, sua humildade e simplicidade, no modo de viver. Sempre muito carinhoso e atencioso com a família e com todas as pessoas à sua volta.

Passamos a vida vendo seu trabalho e seu esforço, e, se hoje temos uma vida confortável, é graças ao que ele nos proporcionou e continua nos proporcionando. Por isso, não consigo mensurar tamanha gratidão.

Lembro de uma viagem ao Mato Grosso, em que minha irmã e eu fomos com ele para conhecer as áreas adquiridas lá. Pegamos um voo para Cuiabá e, depois, mais dez horas de viagem de ônibus. Chegamos a uma cidadezinha pequena, na qual havia somente uma avenida. Naquele dia, pensamos: “Meu Deus! Que coragem do nosso pai sair de Passo Fundo para desbravar um estado tão longe!”. Hoje tal cidadezinha virou uma referência estadual.

Quando eu tinha 19 anos, meu pai me encorajou a ir para o Nordeste para vender milho ensacado. Fiquei por lá, durante três meses. Ele sempre me incentivou e me apoiou a fazer coisas diferentes. Durante esses meses, quando ele e minha mãe iam me visitar, acordávamos às cinco horas da manhã para caminhar na praia, tomar banho de mar e comer abacaxi. Eu nunca esqueço disso, pois eram momentos em que a gente conversava muito. Passávamos o dia juntos. Esses dias ficarão para sempre guardados no meu coração!

Ano passado, minha filha Cecília, que hoje está com dez anos, disse que no futuro vai abrir um hospital e que o vovô Ivanhoé será seu sócio. Apesar da pouca idade, ela já entende e reconhece o empreendedorismo do avô.



Este ensinamento está sendo passado por ele para a nova geração. Isto é genial! Toda esta sua história rendeu um belo trabalho na escola da minha filha mais velha, Maria Carolina, hoje com 13 anos. Os alunos precisavam fazer uma redação sobre “Meu Herói”. Então, ela aproveitou a oportunidade para escrever sobre o avô, o tanto que o admira, e que é como um herói que o vê, pois venceu sozinho na vida. Foi emocionante...

Ele já me perguntou, uma vez, se eu não preferia que ele tivesse permanecido na fiscalização, e eu respondi: “Talvez sim, pelo tempo maior que teríamos tido você ao nosso lado, mas, te conhecendo, tenho certeza de que não seria o mesmo se não tivesse dado essa guinada em sua vida”. As negociações e as viagens a trabalho são seu combustível de vida! Eu sei que é assim que ele é feliz, e é isto que importa.

Não conheço ninguém, nesse mundo, com tamanha coragem, inteligência, esforço e determinação. Nasceu de uma família humilde e conquistou, sozinho, um “império”.

Seu maior ensinamento e legado é sermos humildes, é darmos sempre o mesmo tratamento a todas as pessoas que nos cercam, é termos sempre tranquilidade, calma para enfrentarmos os problemas da vida, pois estes sempre existirão...

O carinho e o cuidado dele fazem com que eu me sinta segura e acolhida. Quando tenho alguma dificuldade é nele que eu penso, pois tem um ombro que me conforta. Sou privilegiada por ter um pai como Ivanhoé!

Eu não poderia deixar de falar da minha mãe, pois, graças também a ela, que toda esta história pode ser construída. Exemplo de mulher! Sempre disposta, trabalhadora, amorosa. Uma fortaleza, enfim! Sempre deu apoio dentro de casa para os três



filhos, possibilitando, assim, meu pai ir em frente nos seus objetivos.

Obrigada por tudo, paizinho e mãezinha! Vocês são o meu porto seguro! Amo vocês, eternamente!

Luisa, filha

Querido sogro! Você é um vencedor, um exemplo para muitos, uma pessoa que está sempre de bem com a vida. Não podia deixar de expressar meu agradecimento ao carinho que demonstra em todos os momentos comigo. Sei que posso contar com sua presença tanto nas horas boas, quanto nas ruins. Saiba que me importo muito com você. Será, eternamente, muito especial para mim! Desejo que a vida continue sorrindo na direção do seu olhar. Com carinho, da nora que muito lhe estima!

Ana Cristina, nora

Depois de algum tempo namorando a Luisa, tive o privilégio de conhecer vocês, queridos Sr. Ivanhoé e Sra. Rovena.

Já se passaram vinte anos desde o início do nosso convívio, e a admiração que tenho por vocês só aumenta! Durante esse tempo, nasceram a Maria Carolina e a Cecília, crianças maravilhosas que vieram para alegrar e completar nossa vida.

Agradeço, profundamente, pelo tempo que passamos juntos, pelos sábios conselhos, pela paciência, pelo acolhimento e pelo enorme carinho que vocês sempre tiveram comigo. Dizem



que, quando nos casamos, ganhamos um novo pai e uma nova mãe. Não existe ditado tão verdadeiro!

Meus mais sinceros agradecimentos!

Rodrigo, genro

Nesses três anos de convivência com a família Bellotti Moura, observo o Dr. Ivanhoé, que é como me dirijo a ele, pois tem idade para ser meu pai, como um homem gentil, apaixonado, educado, provedor, empresário que reconhece o desempenho de seus colaboradores, vitorioso, solidário, e, sobretudo, que valoriza a família.

É um homem que não teme e que sempre esteve à frente do seu tempo. É isento de vaidades, com grande humildade, características de um LÍDER. Um exemplo a ser seguido!

Marcello, genro

Quando me pedem para falar do vô, não é fácil... Não é fácil porque, por muitas vezes, faltam palavras e até mesmo coragem de admitir que devemos tudo a ele, sim! Literalmente tudo!

Saber que alguém passou por tanta dificuldade na vida e continua assim, tão humilde, é, no mínimo, desgastante! Desgastante única e exclusivamente para os nossos egos, pois, quando nos vemos em situações, infinitamente, mais simples e menos dolorosas pelas quais ele passou, já nos sentimos no direito de reclamar.



Saber que aquele homem sentado ali, que hoje esquece que horas são ou da reunião que teve no início da tarde, já abdicou de tanto, sem nunca reclamar... Acho que nunca ouvi o vô reclamar. Sério! Tudo está sempre muito bem, obrigado! E ficamos assim combinados!

Lembrar do vô é lembrar da infância, das correrias perigosas ao redor da piscina (as mães deveriam adorar), dos sustos nos corredores da casa da vó e dos cumprimentos de mãos intocáveis, porque eu nunca conseguia, mesmo!

Acho que nós mudamos. Nós crescemos. De corpo e de mente, infelizmente. Ele continua o mesmo, o mesmo durante esses 26 anos que convivo com este ser inigualável. Se conseguisse, aposto que estaria girando em torno de si mesmo com os braços abertos, justificando que, por alguma razão, aquilo faz bem à cabeça. E aí de quem diga que não!

As memórias são muitas e as situações engraçadas ainda mais.

Obrigada, vôzinho. O mais sincero dos obrigadas de quem não consegue colocar tudo em palavras e nem é de falar muito, mas que se expressa com o coração!

Gratidão! Te amamos, eternamente!

Rafaela, neta

“O amigo certo da hora incerta.” Esta é a frase que sempre ouvi do meu avô desde que me conheço por gente. Realmente é o amigo certo, mas, por vezes, também é o incerto: chega entrando no “ô de casa” sem saber o que vai encontrar pela frente, porém, o mais importante, é que sempre estará por perto. Mesmo longe, sinto sua presença.



Meu avô é aquele que foi brincalhão na minha infância, aquele que fazia as minhas amigas quererem vir na minha casa para chamá-lo e brincarmos na piscina. Aquele que, até hoje, te oferece mil vezes a mesma coisa e, quando recusada, começa a dizer que é da China, da Índia, do Japão ou de qualquer outro lugar que passar na tua cabeça.

É aquele que, sempre que me vê, mede a temperatura com a mão na minha testa só para checar se estou com febre (ahahahaha)... É aquele que faz tudo isso e depois diz: “Mas teu avô é um palhaço, né?”

Só que mal sabe ele que de palhaço não tem nada! Admiro muito a história de vida do meu vô: ter ido morar na casa dos tios para estudar e começar a trabalhar tão novo... Isto sempre mexeu muito comigo! Ele, sim, trabalhou duro para conseguir conquistar tudo o que a nossa família tem. Nós só estamos na mamata... Desculpa aí, parentada que está lendo isso agora, mas é isso mesmo! Se sempre estivemos, e continuamos a estar, no bem bom, é devido, única e exclusivamente, a uma pessoa: Ivanoé Silveira Moura.

No entanto, não posso deixar de lado minha amada avó Rovenha que, com certeza, tem grande parte nisso tudo, pois estive ao lado do meu avô durante todo esse tempo.

É isso: a gente cresce e aprende a dar mais valor à relação com os avós. Aprendemos a ter paciência, pois antes foram eles que nos ensinaram, e agora somos nós que temos que ensinar algumas coisas a eles também. Com certeza, sou bem mais feliz e privilegiada do que muitas outras pessoas por ter tido uma ótima convivência com os meus avós. Vocês estão eternizados em mim!

Roberta, neta



Você vai ser, sempre, o melhor avô do mundo! Jamais vou esquecer o carinho e força que em todos momentos me ofereceu, e continua oferecendo, sem mesmo eu precisar pedir. Nas horas de maior tristeza, teu olhar me conforta.

Um homem, assim como você é, é um presente da vida. Se todo mundo fosse igual a você, o mundo seria muito melhor!

Te adoro, vovô! Te adorei ontem, te adoro hoje e vou te adorar todos os dias da minha vida. Beijo!

João Vitor, neto

Eu escolhi, como meu herói, você, vô. Quando descobri a história da sua infância e tudo que você passou para ter na vida o que tem hoje, eu me surpreendi! Quando minha mãe me contou sua história, eu era pequena e, por esse motivo, na época acreditava que o mundo era só fantasia, felicidade e que só existiam pessoas boas.

A mãe me contou que você nasceu na fazenda dos meus bisavós, em uma cidade pequena do Rio Grande do Sul. Ela também falou que eles não tinham boas condições de vida para sustentar você e suas irmãs e que, assim, você foi morar com a sua tia em Passo Fundo. Disse que lá você dormia no porão da casa e estudava em uma escola pública, pela manhã. À tarde, ia pedir garrafas na vizinhança para trocar por dinheiro. Aos sábados, limpava o chão da igreja e também vendia jornal.

Alguns anos depois, arranjou um trabalho e, com o dinheiro, comprou um carro. Foi para Goiânia e comprou vários terrenos por lá. Casou com a minha avó Rovená e se tornou empresário. Sobre seus filhos, criou-os da melhor forma possível para



eles não passaram pelo que você passou na infância. Hoje, você tem 82 anos e tem vários terrenos pelo Brasil todo. Você é o meu herói por ter conquistado tudo isso e por ter me ensinado que as coisas não se conquistam de graça, você tem que lutar por elas.

Obrigada, vovô! Te amo!

Maria Carolina, neta

Vô, obrigado por todo amor e carinho que você me dá. Obrigado por se preocupar, sempre, comigo, perguntando: Não tem ninguém te incomodando? Te amo! Obrigado por tudo!

Santiago, neta

Ovovô representa, para mim, carinho, amizade e esforço. Lembro que quando ele vinha para Brasília, a Carol e eu sempre fazíamos massagem nele e ele dormia... Te amo, vovô!

Cecília, neta



Formato: 14,8 cm x 21,0 cm
Tipologia: Projeto Passo Fundo
Corpo: 11 pt
Entrelinhas: 16 pt
Fontes Títulos: Allura
Fontes Texto: Book Antiqua
Mancha: 11 cm
Papel Pólen



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

projetopassofundo@gmail.com
<http://projetopassofundo.com.br>



As gerações vão se sucedendo, assim como é natural e esperado. O tempo passa rápido demais e nossas memórias correm o risco de irem se apagando, assim como acontece com a impressão de um extrato bancário: ao sair do caixa eletrônico, está, inteiramente legível, e, quando se vê, torna-se um pedaço de papel em branco.

E aí vem a pergunta: Por que decidimos registrar a história de nosso pai e esposo? Apesar de não termos pretensão literária alguma, consideramos muito importante preservar a história de suas raízes, pois a história de todos nós tem suas próprias peculiaridades, e é exatamente isso que torna a vida de cada um de nós tão especial!





Ivanhoé, marido da Rovená, pai da Luísa, Fábio e Cláudia, sempre teve muita determinação, força de vontade e espírito empreendedor nato e, até mesmo aventureiro, sem deixar, porém, de manter os pés no chão. É amável, protetor, extremamente zeloso com todos da família. Por conta disso tudo, decidi, como filha primogênita, presentear esse pai exemplar com a publicação da história de sua vida, pois, com o passar do tempo, tudo aquilo que não se registra, acaba “se apagando no tempo”. O presente é para ele, mas, na verdade, somos nós, esposa, filhos, nora, genro e netos que ficamos com a melhor parte desse presente: as lembranças, as histórias... Enfim, a trajetória de vida do nosso herói, eternizada nesse livro!



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

